

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JAIRO DOUGLAS DA SILVA SOARES JÚNIOR

**O TRABALHO INFORMAL NOS ÔNIBUS URBANOS DA CIDADE DE
MACEIÓ: Uma análise dos processos do comércio ambulante informal.**

Maceió
2024

JAIRO DOUGLAS DA SILVA SOARES JÚNIOR

**O TRABALHO INFORMAL NOS ÔNIBUS URBANOS DA CIDADE DE
MACEIÓ:** Uma análise dos processos do comércio ambulante informal.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
como requisito para a obtenção do título de
bacharel em Ciências Sociais.

Aluno: Jairo Douglas da Silva Soares Júnior

Orientadora: Alice Anabuki Plancherel

Maceió
2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB-4/ 661

S676t Soares Júnior, Jairo Douglas da Silva.
O trabalho informal nos ônibus urbanos da cidade de Maceió : uma análise dos processos do comércio ambulante informal / Jairo Douglas da Silva Soares Júnior. – 2024. 68 f. : il.

Orientadora: Alice Anabuki Plancherel.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 61-63.
Apêndices: f. 64-68.

1. Trabalhadores ambulantes informais. 2. Transporte coletivo urbano – Maceió (AL).
I. Título.

CDU: 316.343.63:56.121(813.5)

Folha de Aprovação

JAIRO DOUGLAS DA SILVA SOARES JÚNIOR

**O TRABALHO INFORMAL NOS ÔNIBUS URBANOS DA CIDADE DE
MACEIÓ: Uma análise dos processos do comércio ambulante informal.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas, como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, apresentado e aprovado perante a presente banca examinadora no dia 03 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Alice Anabuki Plancherel
(Universidade Federal de Alagoas)

Examinador (a) Interno (a): Prof. Dr. José Alexandre da Silva Júnior
(Universidade Federal de Alagoas)

Examinador (a) Interno (a): Prof^ª. Dr^ª. Camila Dellagnese Prates
(Universidade Federal de Alagoas)

Dedico esse trabalho a minha companheira, aos meus pais e meus amigos que sempre se fizeram presentes nessa etapa da minha vida. Sou grato por todo o apoio e confiança depositados em mim, essa confiança me fez seguir em frente, ter fé em mim e chegar em lugares que eu nunca estive antes.

AGRADECIMENTOS

Essa conquista passa a não ser só minha quando paro e penso em quantas vidas ela tocou e ainda há de tocar. Iniciei minha graduação em ciências sociais na UFAL sem saber muito bem do que se tratava o curso e pensando que seria apenas uma porta de entrada para que eu pudesse ingressar futuramente em psicologia ou direito, cursos que eu gostaria de ter entrado, mas infelizmente – ou felizmente – não tive a nota suficiente e me dei por satisfeito apenas por entrar numa universidade, sendo o primeiro da minha família a conseguir tal feito.

O que aconteceu a seguir me moldou e me fez ser quem sou nos dias atuais, me apaixonei pelo curso logo no segundo período e isso mudou a minha vida completamente. Pude me dedicar e aproveitar a chance de estar num ambiente acadêmico, fazendo o que muitos não têm oportunidade de fazer. As dificuldades foram muitas, ainda mais em relação ao fato de ter de trabalhar integralmente todos os dias e ir à noite para a universidade, exausto, mas com muita força de vontade de absorver o máximo que eu podia, pensando num futuro onde eu teria a minha profissão e seria um cientista social. O caminho foi tortuoso, com muitas dificuldades, pandemia, doenças e problemas em vários âmbitos da minha vida. Respirei, segui firme e cheguei até aqui!

Não teria feito tudo isso sozinho, e por isso, quero agradecer imensamente a/à minha amiga Inayara Gois, que desde o ensino médio me incentivou e me fez ter a ambição de não só ter uma graduação, mas de me tornar um ser pensante, um profissional completo, te amo minha amiga! Á minha companheira Paula Santos, que sempre me deu forças para seguir e sempre segurou a minha mão nos momentos mais sombrios, estando sempre ao meu lado.

Aos meus pais, minha gratidão eterna, pois me forneceram sempre os subsídios para continuar tentando e ir além. Minha mãe Marilene Santos, te tenho sempre no meu coração! E meu pai, pessoa que me deu meu nome, aprendi muito na vida com você Sr. Jairo Douglas Soares. Á minha sobrinha, Luna Beatriz, que essa conquista sirva de exemplo para que você alcance patamares muito maiores do que os que sua família já alcançou!

Aos meus amigos e colegas de classe – de luta – que sempre me deram apoio e seguraram as pontas comigo dentro da universidade, do início ao fim. Maria Julia, Aryanne

Alcantara, Lara Marques, Magda Braz, Sandaves Herculano, Eliene Berto, Allyson Pires, estamos juntos, torço sempre por vocês!

Ao corpo docente e administrativo do Instituto de Ciências Sociais, meus agradecimentos por todo o conhecimento compartilhado, além de serem firmes e não desistirem de mim. Um abraço especial para o meu querido professor da cidadania que sempre conversou comigo e me incentivou a não desistir, José Alexandre; para um dos maiores antropólogos que conheço, o professor Bruno Cavalcanti; por fim e não menos importante, um abraço caloroso na minha orientadora Alice Anabuki Plancherel, que abraçou minhas ideias e me deu os subsídios para produzir esse trabalho, prestando seu total apoio e me colocando sempre na direção correta, eu me inspiro em você! Eu não teria feito isso sem vocês!

Aos meus amigos do peito: Lizyane Almeida, Renata Melo, Denis Rolim, Beatriz Chagas e muitos outros que sempre me estenderam a mão. Meus agradecimentos e sentimentos a todos que estiveram comigo durante esse período da minha vida. Posso não ter tido muitas oportunidades, mas com certeza ingressar no curso de ciências sociais da UFAL ampliou os meus horizontes e me tornou uma pessoa melhor. A todos e todas, minha gratidão e reconhecimento! Eu consegui!

Sou camelô, sou do mercado informal
Com minha guia, sou profissional
Sou bom rapaz, só não tenho tradição
Em contrapartida, sou de boa família

Olha, doutor, podemos rever a situação
Pare a polícia, ela não é a solução, não

Não sou ninguém, nem tenho pra quem apelar
Só tenho o meu bem que também não é ninguém

Quando a polícia cai em cima de mim
Até parece que sou fera
Quando a polícia cai em cima de mim
Até parece que sou fera
Até parece, até parece
Até parece, até parece
Até parece, até parece

(Camelô, Edson Gomes)

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô

E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

(O canto das três raças, Clara Nunes)

RESUMO

A presente pesquisa focaliza o trabalho ambulante informal desenvolvido dentro dos transportes coletivos na cidade de Maceió, no estado de Alagoas. Fizemos uma linha do tempo das metamorfoses do mundo do trabalho e todas as suas implicações nas vidas dos trabalhadores brasileiros, que acabaram sendo inseridos no mercado de trabalho informal através do desemprego e desigualdade social. Esses trabalhadores atuam no interior dos ônibus urbanos, comercializando diversos tipos de produtos na tentativa da obtenção de renda para suas famílias. Lançamos o olhar para esses trabalhadores, suas vidas, famílias, dinâmicas de trabalho e relações sociais entre si e com outros envolvidos, como os próprios motoristas de ônibus e o Estado, com o intuito de compreender essas dinâmicas dentro deste processo complexo. Para fundamentar a temática da pesquisa, utilizamos como arcabouço teórico e metodológico as contribuições sobre trabalho, informalidade, precarização do trabalho, desigualdade social e neoliberalismo por Karl Marx, Perry Anderson, François Chesnais, Ricardo Antunes, Graça Druck, Maria Augusta Tavares, Claus Offe, David Harvey, José Paulo Neto, Maria Aparecida Alves, entre outros autores e outras autoras que fazem parte da literatura dessa pesquisa. A partir desse recorte teórico, realizamos 30 entrevistas semiestruturadas com esses trabalhadores, além de conversar com alguns deles sobre suas vidas e rotinas, com a finalidade de apurar mais informações sobre essa "nova" categoria de trabalho informal; e a partir da análise desses dados, trouxemos algumas problematizações e hipóteses para apontar as dificuldades enfrentadas por estes trabalhadores, por sua vez, desprovidos de assistências e, em sua maioria, possuem baixa escolaridade. Esses dois fatores combinados, acabam por vulnerabilizar esses trabalhadores ao desemprego, experienciando diversos tipos de inseguranças e incertezas sobre seu futuro e o de suas famílias. A pesquisa tem como finalidade abrir os caminhos para essa discussão que precisa ser divulgada, para que ela se amplie e tenha impacto social positivo nas vidas desses trabalhadores, seja a partir de novas políticas públicas, assistências sociais e garantias de um trabalho mais digno para esses sujeitos.

Palavras-chave: Trabalhadores ambulantes informais, Transporte coletivo urbano, Maceió/Alagoas.

ABSTRACT

This research focuses on informal street walking work carried out within public transport in the city of Maceió, in the state of Alagoas. We created a timeline of the metamorphoses in the world of work and all their implications for the lives of Brazilian workers, who ended up being inserted into the informal job market through unemployment and social inequality. These workers work on urban buses, selling different types of products in an attempt to obtain income for their families. We look at these workers, their lives, families, work dynamics and their social relationships with each other and with others involved, such as the bus drivers themselves and the State, with the aim of understanding these dynamics within this complex process. To support the research theme, we used as a theoretical and methodological framework the contributions on work, informality, precarious work, social inequality and neoliberalism by Karl Marx, Perry Anderson, François Chesnais, Ricardo Antunes, Graça Druck, Maria Augusta Tavares, Claus Offe, David Harvey, José Paulo Neto, Maria Aparecida Alves, among other authors who are part of the literature of this research. Based on this theoretical framework, we carried out 30 semi-structured interviews with these workers, in addition to talking to some of them about their lives and routines, with the aim of finding out more information about this "new" category of informal work and, based on the analysis of this data, we brought some problematizations and hypotheses to point out the difficulties faced by these workers, who in turn, are deprived of assistance and the majority, have low education. These two factors combined end up directing these workers to the margins of society, experiencing different types of insecurities and uncertainties about their future and that of their families. The research aims to open the way for this discussion that needs to be publicized, so that it expands and has a positive social impact on the lives of these workers, whether through new public policies, social assistance and guarantees of more dignified work for these workers. subjects.

Keywords: Work; Informal Street vendors; Informal Street trading.

ÍNDICE DE FIGURAS, QUADROS E LISTAS

FIGURAS

Figura I - Mapa das regiões alta, central e baixa de Maceió-AL.....	33
--	----

QUADROS

Quadro I - Perfil dos entrevistados.....	35
Quadro II - Características sócio econômica/familiar dos entrevistados.....	39
Quadro III - Trajetórias dos trabalhadores Ambulantes.....	45
Quadro IV - Rotinas, mercadorias e dificuldades dos trabalhadores em sua atividade informal.....	47
Quadro V - O trabalho ambulante como categoria, a relação do trabalhador com o sindicato e o que esperam do Estado.....	55

LISTAS

Lista I - Trajetória profissional dos trabalhadores Ambulantes (Profissões e funções desempenhadas)	43
Lista II - Respostas complementares sobre a saúde dos trabalhadores.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CAPÍTULO I – CAPITALISMO, DESEMPREGO E TRABALHO INFORMAL: ALIADOS NA MANUTENÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS.....	17
2.1 O trabalho como um conceito chave para a subsistência humana.	17
2.2 A crise do capital e o reordenamento dos modelos de produção capitalista.	20
2.3 A degradação da classe-que-vive-do-trabalho no Brasil.....	26
2.4 Desemprego e informalidade no Brasil.	28
3. CAPÍTULO II - CONHECENDO A VIDA E ROTINA DO TRABALHADOR INFORMAL AMBULANTE NOS ÔNIBUS DE MACEIÓ.....	33
3.1. Estabelecendo contatos e conexões com os trabalhadores ambulantes informais.	33
3.1.1 Terminal Integrado de Ônibus do Benedito Bentes 1.	35
3.1.2 Ponto de ônibus da Casa Vieira no bairro do Farol.....	36
3.1.3 Ponto de ônibus do Parque Shopping Maceió no bairro da Cruz das Almas.....	36
3.2 Contato, identificação e análise dos perfis dos trabalhadores ambulantes informais.	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
5. REFERÊNCIAS.....	63
6. APÊNDICE	66
APÊNDICE A – ROTEIRO DE PESQUISA.....	66
APÊNDICE B – ESTRUTURA DE OBSERVAÇÃO DOS TRABALHADORES	67
APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	68

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como principal foco o tema do comércio ambulante informal dentro dos ônibus urbanos da cidade de Maceió, capital de Alagoas, atividade que tem se tornado frequente e se apresenta como uma alternativa ao desemprego na cidade. No contexto atual de precarização e flexibilização do trabalho formal, a informalidade vem se tornando cada vez mais uma realidade de enfrentamento ao desemprego no contexto urbano das cidades.

Nos dias atuais, há uma deturpação na definição do que é o trabalho, ou melhor, do que ele se tornou. As metamorfoses do mundo do trabalho valorizam cada vez menos o trabalhador formal e abrem uma amplitude de variações para o trabalho informal, autônomo, e até mesmo os conhecidos bicos, que se tornam alternativas reais para a sobrevivência.

O decurso percorrido no mundo do trabalho até os dias atuais conta com uma vasta gama de modificações e flexibilizações, que acabam por colocar os trabalhadores em um movimento repetitivo de dificuldades acentuando ainda mais a flexibilização e redução dos direitos trabalhistas, aumentando as desigualdades sociais e transformando negativamente as vidas de trabalhadores e trabalhadoras. A nova realidade de trabalho que se instalou no mundo e em especial no Brasil, faz cada vez mais reféns dessas novas configurações de trabalho e subalterniza cada vez mais os trabalhadores, colocando-os numa posição de adequação, de trabalhador polivalente, tendo de se adaptar a modelos de trabalhos flexíveis, terceirizados, informais e até mesmo desumanos, que cada vez mais, intensificam a pobreza e a desigualdade social.

Pensando nesse novo modelo que assola a realidade atual, e observando o entorno ao meu redor, dentro da minha rotina cotidiana, pude olhar com outros olhos e visualizar a precarização dos direitos sociais e trabalhistas acontecendo em várias partes da cidade em que eu habito. No meu cotidiano, sou usuário dos transportes públicos urbanos na cidade de Maceió, desde o meu deslocamento para o trabalho e também para a Universidade Federal de Alagoas, e me deparo diariamente com uma quantidade considerável de ambulantes que utilizam os ônibus para oferecer, divulgar e comercializar diversos tipos de produtos na tentativa de obtenção de alguma renda para sobreviver.

Esse trabalho se divide em dois capítulos e considerações finais; no primeiro capítulo falaremos sobre o conceito de trabalho em seu caráter ontológico a partir da definição de Karl Marx, para em seguida explicar algumas das mudanças na concepção do trabalho e analisarmos de que maneiras ele foi transformado pelo capital ao longo do tempo, faremos uma retrospectiva das metamorfoses do mundo do trabalho desde meados de 1970, com o avanço do neoliberalismo no mundo todo, a mundialização do capital, até chegarmos na degradação da classe que vive do trabalho. Além disso, faremos uma leitura dos dados sobre desemprego e informalidade que estão disponíveis para consulta, na intenção de que essas informações corroborem com as nossas hipóteses de trabalho, voltadas para explicar o contexto de precariedade atual instalado na sociedade brasileira e que assola a realidade de milhares de trabalhadores, fazendo-os atuar em diversos tipos de serviços informais, sem nenhum tipo de segurança ou assistência social.

No segundo capítulo, traremos à tona os resultados da pesquisa de campo realizada no período de 20/06/2023 a 20/06/2024; e durante este período, foram realizadas observações diretas, além da aplicação de 30 entrevistas semiestruturadas que foram utilizadas para conhecermos melhor o trabalhador e seu trabalho desempenhado. Além das entrevistas semiestruturadas, também pudemos conversar pessoalmente com alguns desses trabalhadores e ouvir seus relatos sobre suas vidas, família, trabalho e as dificuldades que eles enfrentam cotidianamente ao desenvolver essa atividade informal em busca de sobrevivência.

Os dados coletados foram sistematizados e analisados, levando em consideração cinco pontos principais: perfil e identificação do trabalhador ambulante no interior dos transportes coletivos; características socioeconômica e familiar; trajetórias de trabalho dos trabalhadores ambulantes dos transportes coletivos; características das atividades como trabalhador ambulante dos transportes coletivos e por último, espaço de comercialização, colaboração e organização dos trabalhadores ambulantes dos transportes coletivos, além de sua relação com o Estado e sindicato.

A pesquisa foi elaborada levando em consideração a carência de dados sobre o tema do comércio ambulante informal dentro dos transportes públicos de Maceió. Por ser uma pesquisa pioneira, é de suma importância para o desenvolvimento desses trabalhadores enquanto categoria específica, visando garantir-lhes dignidade e segurança, posto estarem às margens da

sociedade, invisibilizados e experienciando diariamente inúmeras dificuldades na execução de seu trabalho. É extremamente urgente a necessidade de problematizações a respeito do tema, além de uma articulação ativa, que unifique essa categoria, fortalecendo-a e garantindo direitos básicos para que essa atividade comercial em questão seja mais humanizada e menos discriminada.

Por fim, nas considerações finais, traremos algumas problematizações sobre o tema, levando em consideração a qualidade de vida desses trabalhadores, como suas vidas são extremamente afetadas pelos mecanismos invisíveis do capital, que inicialmente os lança ao desemprego, e em seguida, encaminha esses trabalhadores para empregar sua força de trabalho em trabalhos precários e informais, destacando a necessidade de se pensar em políticas públicas para a reinserção desses trabalhadores no mercado de trabalho formal, garantindo assim, mais renda, saúde e segurança para esses trabalhadores.

2. CAPÍTULO I – CAPITALISMO, DESEMPREGO E TRABALHO INFORMAL: ALIADOS NA MANUTENÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS.

Nesta seção falaremos sobre o conceito de trabalho em seu caráter ontológico a partir da definição de Karl Marx, para em seguida explicar algumas das mudanças na concepção do trabalho e analisarmos de que maneiras ele foi transformado pelo capital ao longo do tempo.

Em seguida, faremos uma revisão e contextualização de uma parte importante da história, a partir do recorte temporal que se inicia nos anos de 1970, trazendo à tona algumas das metamorfoses do mundo do trabalho que resultaram em uma série de flexibilizações dos direitos trabalhistas a partir da crise cíclica do capital. Serão elucidados dois conceitos extremamente importantes e que serão bastante utilizados neste trabalho, que são eles, a mundialização do capital e a acumulação flexível.

Destarte, faremos uma discussão teórica sobre a precarização do trabalho nos dias atuais, trazendo à tona as novas configurações reprodutivas do trabalho em se tratando de informalidade e em como essas novas configurações atuam na manutenção das desigualdades sociais e coloca uma dada camada do trabalho assalariado numa posição de desemprego e subempregos, subalternizando-os à precariedade total.

2.1 O trabalho como um conceito chave para a subsistência humana.

Quando pensamos no trabalho hoje, na forma atual e metamorfoseada, muitas vezes não levamos em consideração todas as alterações nas configurações do trabalho e em como esse conceito foi muitas vezes adaptado para conseguir acompanhar as mudanças dos modelos de produção, de acumulação e também, dos sistemas econômicos vigentes em cada contexto histórico mundial. Sabendo disso, faremos uma retomada da definição de trabalho para Karl Marx e de como esse conceito foi modificado pelo capital, para servir apenas à lógica capitalista. Em seguida, discutiremos a categoria de trabalho a partir de teorias mais contemporâneas, visando constatar os efeitos do lapso temporal acerca do conceito.

Segundo o que nos diz Marx, o trabalho é caracterizado como uma interação direta do homem com o mundo natural, a natureza. Desse modo, pode-se dizer que o trabalho é a forma pela qual o homem se apropria da natureza com a finalidade de satisfazer as suas necessidades e demandas. O homem conscientemente modifica a natureza para alcançar algum propósito, um fim:

o processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais. (Marx, 1983, p. 153).

Ainda para Marx (1982), é através do trabalho que o homem tem a possibilidade de produzir os meios para a sua subsistência na vida individual e também na social. Ademais, o trabalho é uma atividade tipicamente humana, que implica na existência de alguma ação que é previamente concebida no campo das ideias. Em suas palavras,

o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza, o trabalho é uma atividade tipicamente humana, porque implica a existência de ação previamente concebida no plano das ideias que orientam a ação a ser efetivada para alcançar um fim estabelecido. O que diferencia o trabalho, do ponto de vista ontológico, de qualquer atividade natural desenvolvida por outros seres, é o ato do homem idealizar o resultado final do trabalho antes de sua objetivação. Ao converter a natureza através de sua ação, o faz por meio de sua força física e de sua potência espiritual. (MARX, 2013, p.255).

É nesse momento, que Marx consegue diferenciar o trabalho do campo de vista ontológico, de qualquer outra atividade natural desenvolvida por outras espécies e seres, já que o trabalho desenvolvido pelo homem necessita de uma idealização do planejamento e do resultado final antes da sua execução. Desse modo, para ele,

a existência de cada elemento da riqueza material não existente na natureza, sempre teve de ser mediada por uma atividade especial produtiva, adequada a seu fim, que assimila elementos específicos da natureza a necessidades humanas específicas. Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna

necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana. (MARX, 1982, p.50).

Diante disso, podemos concluir que, para Marx, o trabalho se concentra como uma categoria fundante para o homem, sendo um fenômeno central na constituição do ser humano e também da vida em sociedade.

A partir dessas explicações sobre o trabalho para Marx, um dos grandes clássicos da sociologia, podemos continuar a discussão utilizando os argumentos de outros autores que prosseguem com as definições de trabalho na contemporaneidade. Adiante, após a definição abstrata de trabalho para Marx, podemos pensar no trabalho como sendo um fenômeno central na relação dos homens entre si em todas as sociedades.

Para Claus Offe (1989), o trabalho se constitui como um conceito-chave na teoria sociológica, e os estudos sobre trabalho destacam a sua importância no que diz respeito ao entendimento das novas configurações do Estado moderno, evidenciando as diversas inferências do sistema econômico na produção e manutenção do trabalho. Segundo ele,

A finalidade da teoria sociológica pode ser resumida, em geral, como o exame dos princípios que moldam a estrutura da sociedade, programam sua integração ou seus conflitos e regulam seu desenvolvimento objetivo, sua auto-imagem e seu futuro. Se considerarmos as respostas fornecidas entre o final do século XVIII e o final da I Guerra Mundial às questões relativas aos princípios organizativos da dinâmica das estruturas sociais, certamente chegaremos à conclusão de que ao trabalho foi atribuída uma posição-chave na teoria sociológica. O modelo de uma sociedade burguesa gananciosa, preocupada com o trabalho, movida por sua racionalidade e abalada pelos conflitos trabalhistas constitui - não obstante suas diferentes abordagens metodológicas e conclusões teóricas - o ponto focal das contribuições teóricas de Marx, Weber e Durkheim. (Offe, p.01, 1989).

Sendo assim, podemos dizer que o trabalho foi uma das categorias de investigação centrais para os clássicos da sociologia e por muito tempo, foi discutido e analisado. Por conseguinte, no capitalismo, o mundo inteiro foi se adaptando às mudanças e em movimentos simultâneos, adaptando o trabalho para melhor servir ao capital, limitando a vida dos trabalhadores e as suas possibilidades.

De acordo com o que foi discutido acima, entendemos que seria através da transformação proporcionada por meio do trabalho que o homem se integra com outros homens, o que atribui ao sujeito a condição do ser social, diferenciando-se dos outros seres. Desse modo, “o trabalho

é constitutivo do ser social, mas o ser social não se reduz ou esgota no trabalho. Quanto mais se desenvolve o ser social, mais as suas objetivações transcendem o espaço ligado diretamente ao trabalho” (Netto, 2007, p. 43).

Desse modo, a categoria trabalho se constituiria numa mediação para alcançar-se outros níveis de desenvolvimento pessoal e social, mas o que acontece na prática, porém, é bem diferente. O trabalho vem perdendo cada vez mais o seu sentido transformador na constituição identitária e na sociabilidade do homem, sendo modificado e considerado apenas como uma atividade por meio da qual os sujeitos vendem a sua força vital em prol do capital, fomentando o capitalismo e deixando de lado todas as conquistas sociais que foram historicamente adquiridas pela luta classe trabalhadora.

2.2 A crise do capital e o reordenamento dos modelos de produção capitalista.

Em meados de 1973, com a chegada da grande crise do modelo econômico capitalista de Estado intervencionista e de bem-estar vigente no pós-guerra, o mundo inteiro tentava se reorganizar economicamente para superar o retrocesso financeiro que contava com baixas taxas de lucro e altas taxas de inflação, um fenômeno que até então não tinha sido visto. A partir deste cenário, os ideais neoliberais que permaneceram apenas em teoria nos últimos 20 anos começam a ganhar espaço dentro das esferas políticas e econômicas. De acordo com Perry Anderson (1995, p. 1),

Foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar. Seu texto de origem é O Caminho da Servidão, de Friedrich Hayek, escrito já em 1944. Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciada como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política.

No auge desse contexto, na América do Norte e Europa, Friedrich Hayek e seus companheiros neoliberais começaram a pensar e teorizar sobre as raízes da crise e em como poderiam atuar para frear a recessão que se instalara. O que concluíram eles, foi que a crise tinha como alicerce o poder excessivo dos sindicatos e dos operários que juntos, somavam forças e conseguiram elevar os baixos salários da época, além de pressionar o Estado para que este atuasse garantindo melhorias para a sociedade no geral. Para os neoliberais, esse movimento operário e sindical

conseguiu fragmentar os processos de acumulação capitalista e enterrar o modelo capitalista vigente numa crise jamais vista.

A partir dessa concepção adotada, teóricos do neoliberalismo começaram a desenhar um novo modelo econômico necessário para aumentar os lucros das empresas e parar o crescimento da inflação. Segundo Anderson (1995, p.2),

O remédio, então, era claro: manter um Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da taxa “natural” de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos. Ademais, reformas fiscais eram imprescindíveis, para incentivar os agentes econômicos. Em outras palavras, isso significava reduções de impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre as rendas.

Os moldes neoliberais não foram ligeiramente aderidos pelos Estados capitalistas, mas após quase uma década tentando suprimir a crise, na Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Governos conservadores assumem o poder e em seguida quase todos os países do norte da Europa ocidental viram à direita e aderem ao modelo neoliberal. Segundo Anderson (1995, p.3), a virada desses países à direita do espectro político e a adesão ao neoliberalismo foram fomentadas pela crise econômica somada à guerra-fria e a batalha contra o comunismo que até então era considerada pelos neoliberais como o "novo mal" ser combatido pelo mundo.

Durante os anos 80, os governos neoliberais aplicaram a ideologia neoliberal à sua maneira, mas grande parte deles atuava com: altas taxas de juros, redução ou abolição dos controles de fluxo financeiro, desemprego massivo, privatização de serviços essenciais, diminuição de impostos em rendimentos altos, legislações antissindicais, responsabilidade orçamentária, e corte de gastos com custos sociais. Para Anderson (1995, p. 5),

A prioridade mais imediata do neoliberalismo era deter a grande inflação dos anos 70. Nesse aspecto, seu êxito foi inegável. No conjunto dos países da OCDE, a taxa de inflação caiu de 8,8% para 5,2%, entre os anos 70 e 80, e a tendência de queda continua nos anos 90. A deflação, por sua vez, deveria ser a condição para a recuperação dos lucros. Também nesse sentido o neoliberalismo obteve êxitos reais.

O triunfo neoliberal se deu de fato a partir do combate repressivo aos sindicatos, que por sua vez eram contidos em sua atuação, somado a grandes taxas de desemprego (tidas como naturais) e o aumento real da desigualdade social nos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da América do Norte. O êxito neoliberal foi um sucesso

do capitalismo e do capital, e esse sucesso, foi concebido para poucos, enquanto o proletariado se via cada vez mais explorado.

O novo avanço do capitalismo, agora, tinha muito mais forças e pouca ou nenhuma contenção, esse poder do capital fez com que a partir de 1985 surgissem conceitos novos como o de global, globalização e mundialização do capital. Neste trabalho, utilizaremos o conceito de mundialização do capital para nos referirmos ao processo de disseminação do capitalismo como modelo econômico vigente.

O conceito de “mundialização do capital”, de origem francesa, designa o contexto societal e institucional dominado pelo mercado total. Como já foi dito, esse contexto assume sua forma acabada nos anos 80, era então denominada de neoconservadora ou neoliberal, em que as práticas de governo se voltaram para a desregulamentação do social e para a liberalização do mercado; tais práticas tiveram como modelo os governos dos Estados Unidos e Grã-Bretanha (CHESNAIS, 1999: 77). Ou seja, a mundialização do capital se refere à expressão da ascensão das forças do mercado que estão sendo liberadas para que haja a globalização do capital. Em outras palavras, o capital teria força suficiente para realizar uma nova escalada mundial que mudaria totalmente alguns setores sociais, além de realizar um processo de reestruturação do mercado, que contava com diversas liberações e privatizações dos órgãos estatais.

O que se verifica é que esse giro do capital só poderia acontecer com a liberação e a desregulamentação financeiras, além de práticas de sucateamento dos direitos trabalhistas que possibilitaria que mais poder fosse dado aos mercados, para que estes pudessem atuar livremente a favor do lucro e do capital.

A mundialização é resultado de dois movimentos conjuntos, estreitamente interligados, mas distintos. O primeiro pode ser caracterizado como a mais longa fase de acumulação ininterrupta do capital que o capitalismo conheceu desde 1914. O segundo diz respeito as políticas de liberalização e de dismantelamento de conquistas sociais e democráticas, que foram aplicadas desde o início da década de 1980, sob o impulso dos governos Thatcher e Reagan. (CHESNAIS, 1996, p.34).

Esses novos recortes do capital serviram como alicerce até chegarmos em outros modelos de relações de trabalho que transpassam o fordismo¹, taylorismo, neofordismo, neotaylorismo, pós-fordismo, até chegarmos no toyotismo e na acumulação flexível².

O toyotismo, por sua vez, era um modelo de produção e organização do trabalho que teve origem na Toyota, no Japão pós-guerra, e tinha como objetivo a expansão e consolidação do Japão como uma potência global. De acordo com Druck (1999), as características do toyotismo podem ser divididas em quatro dimensões:

- I. o sistema de emprego adotado pelas grandes empresas constituído por: a) o chamado emprego vitalício, apesar de não existir nenhum contrato formal, b) a promoção por tempo de serviço; c) a admissão do trabalhador não é realizada para um posto de trabalho, mas para a empresa, num determinado cargo, ao qual corresponde um salário;
- II. sistema de organização e gestão do trabalho: Just-in-time – produzir no tempo certo, na quantidade exata; Kanban – placas ou senhas de comando para reposição de peças e estoques; qualidade total – envolvimento dos trabalhadores para a melhoria da produção; trabalho em equipe – a organização do trabalho está baseada em grupo de trabalhadores polivalentes que desempenham múltiplas funções.
- III. o sistema de representação sindical: os sindicatos por empresa são integrados à política de gestão do trabalho. Os cargos assumidos na empresa confundem-se com os do sindicato.

1 [...] entendemos o fordismo fundamentalmente como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram-se ao longo deste século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista e da produção em série fordista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário-massa, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões. Menos do que um modelo de organização societal, que abrangeria igualmente esferas ampliadas da sociedade, compreendemos o fordismo como o processo de trabalho que, junto com o taylorismo, predominou na grande indústria capitalista ao longo deste século. (ANTUNES, 2002, p. 9-10)

2 A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado "setor de serviços", bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (tais como a "Terceira Itália", Flandres, os vários vales e gargantas do silício, para não falar da vasta profusão de atividades dos países recém-industrializados). (HARVEY, 1993, p.140.)

- IV. Sistema de relações interempresas: são relações muito hierarquizadas entre as grandes empresas e as pequenas e médias. Ocorre subcontratação de pequenas e microempresas extremamente precárias e instáveis. Essa rede de subcontratação é fundamental para o modelo japonês de produção. Além do que existe uma hierarquia entre as grandes e médias e pequenas empresas que colocam estas últimas em posição de subordinação.

São essas, então, as principais características do modelo japonês de produção. Muitas dessas características vão ser absorvidas pelas indústrias ocidentais.

Ainda se tratando do toyotismo, Antunes (1995, p.16) discorre,

O toyotismo penetra, mescla-se ou mesmo substitui o padrão fordista dominante, em várias partes do capitalismo globalizado. Vivem-se formas transitórias de produção, cujos desdobramentos são também agudos, no que diz respeito aos direitos do trabalho. Estes são desregulamentados, são flexibilizados, de modo a dotar o capital do instrumental necessário para adequar-se à sua nova fase. Direitos e conquistas históricas dos trabalhadores são substituídos e eliminados do mundo da produção. Diminui-se ou mescla-se, dependendo da intensidade, o despotismo taylorista, pela participação dentro da ordem e do universo da empresa, pelo envolvimento manipulatório, próprio da sociabilidade moldada contemporaneamente pelo sistema produtor de mercadorias.

Desse modo, não é surpresa que para o modelo de Estado neoliberal o modelo de produção toyotista seja a combinação "perfeita", visando claro, o crescimento e independência do capital. Nele, as atividades que são desempenhadas pelos trabalhadores são flexibilizadas para que eles possam, como trabalhadores polivalentes, atuar em diferentes tarefas durante a sua jornada de trabalho. Além disso, os direitos e conquistas trabalhistas que foram adquiridos historicamente a partir de suas lutas começam a ser "flexibilizados" e isso quer dizer que eles são substituídos e/ou eliminados das relações de trabalho da contemporaneidade. Dito isso, podemos parar e pensar um pouco sobre as formas de acumulação do capital e também, sobre o rompimento do modelo de trabalho que era conhecido no contexto do pós guerra e na adoção das novas formas de trabalho que surgem a partir da crise do capital. Por se tratar da inclusão

de práticas neoliberais e que beneficiam apenas ao capital, o trabalhador se vê precarizado, subalternizado e até mesmo substituído por máquinas ou removido do quadro para aumentar o contingente de desempregados, já que no neoliberalismo, grandes taxas de desemprego eram consideradas como naturais.

o crescimento das taxas de desemprego, concebido como um mecanismo natural e necessário de qualquer economia de mercado eficiente. A taxa média de desemprego nos países da OCDE, que havia ficado em torno de 4% nos anos 70, pelo menos duplicou na década de 80. Também este foi um resultado satisfatório. Finalmente, o grau de desigualdade – outro objetivo sumamente importante para o neoliberalismo – aumentou significativamente no conjunto dos países da OCDE: a tributação dos salários mais altos caiu 20% em média nos anos 80, e os valores das bolsas aumentaram quatro vezes mais rapidamente do que os salários. (ANDERSON, 1995, p. 6).

Ainda de acordo com Anderson (1995, p.8-11), as novas práticas neoliberais foram aplicadas em diversos países alterando a realidade do que se conhecia como trabalho, alterando também os modelos de produção, acumulação, padrões de vida em que se prezava o bem-estar, privatizações, entre outras adaptações que continuam em curso até hoje. Para Anderson (1995, p. 12),

Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muitos dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais, embora não tão desestatizadas como queria. Política e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau com o qual seus fundadores provavelmente jamais sonham, disseminando a simples ideia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos, seja confessando ou negando, têm de adaptar-se a suas normas. Provavelmente nenhuma sabedoria convencional conseguiu um domínio tão abrangente desde o início do século como o neoliberal hoje. Este fenômeno chama-se hegemonia, ainda que, naturalmente, milhões de pessoas não acreditem em suas receitas e resistam a seus regimes.

O sucesso do neoliberalismo foi o fracasso da classe trabalhadora, ou melhor, da classe-que-vive-do-trabalho – conceito esse que será melhor trabalhado abaixo – e foi um marco responsável por modificar as relações de trabalho à época, mas também, um agente modificador da contemporaneidade, já que atualmente, é uma ideologia que segue crescendo e obtendo forças na esfera política e também econômica.

É dentro dessa ordem de metamorfoses do mundo do trabalho que começamos a pensar nas relações de trabalho, em especial no contexto brasileiro, levando em consideração as diversas mudanças no modelo econômico vigente à época e a adoção dos novos moldes de produção e de acumulação capitalista que por sua vez, se voltam cada vez mais para o lucro e a rentabilidade, fazendo com que sejam abdicados os direitos trabalhistas e garantias sociais que em outros momentos fizeram parte da realidade e das vidas dos trabalhadores.

2.3 A degradação da classe-que-vive-do-trabalho no Brasil.

A partir do que foi exposto na seção acima, podemos pensar nas diversas formas em que as relações de trabalho foram modificadas e precarizadas, e no Brasil, não foi diferente.

As transformações ocorridas no capitalismo recente no Brasil, marcadamente na década de 1990, impulsionadas pela nova divisão internacional do trabalho, foram de grande intensidade sobretudo no mundo do trabalho. O Brasil se estruturava, então, com base em um desenho produtivo bifronte: de um lado, voltado para a produção de bens de consumo duráveis, como automóveis, eletrodomésticos etc., visando um mercado interno restrito e seletivo. De outro, dada sua condição de dependência em relação ao capitalismo avançado, desenvolvia a produção direcionada à exportação, tanto de produtos primários quanto de produtos industrializados. Internamente, a dinâmica do padrão de acumulação capitalista se baseava na vigência de um processo de superexploração da força de trabalho, caracterizado por baixos salários, ritmos de produção intensificados, jornadas prolongadas, combinando uma extração tanto do mais-valor absoluto quanto do mais-valor relativo. (ANTUNES, 2018, p.134).

É a partir desse cenário, que a reestruturação produtiva realmente começa a acontecer no Brasil, levando as empresas a adotarem novos métodos organizacionais, novas tecnologias, novos padrões de organização social do trabalho, além de novas metodologias de participação. “A combinação entre padrões produtivos tecnologicamente mais avançados, busca pela melhor qualificação da força de trabalho e prática da intensificação da exploração da força de trabalho se tornou característica do capitalismo no Brasil.” (ANTUNES, 2018, p. 135).

Para Ricardo Antunes (2013), o conceito de classe trabalhadora que já existiu e que foi fruto das lutas de classe e da lógica interna do capital global (ou seja, da relação entre política e economia) não dá conta de abranger toda a complexidade das relações de trabalho na contemporaneidade. Além disso, o autor discorre que a classe trabalhadora hoje, é mais

abrangente que a classe trabalhadora do século anterior, além de ser mais heterogênea e fragmentada que aquela que predominou no auge do sistema fordista-taylorista e não se limita apenas ao proletariado industrial ou ao universo fabril.

Desse modo, Antunes propõe a noção de classe-que-vive-do-trabalho e através dela, busca compreender o conceito marxiano de classe levando em consideração as particularidades das novas formas sociais de relações laborais. Em suas palavras (ANTUNES, 2013, p. 132),

A classe-que-vive-do-trabalho diz respeito à totalidade de homens e mulheres, produtivos e improdutivos, desprovidos de meios de produção e que são constrangidos a vender sua força de trabalho no campo e na cidade em troca de salário, ou seja: o proletariado industrial e rural, os trabalhadores terceirizados, subcontratados, temporários, os assalariados do setor de serviços, os trabalhadores de telemarketing e call centers, além dos desempregados. O autor ressalta que o proletariado industrial é o seu núcleo principal, porque produz diretamente mais-valia. No entanto, estão excluídos gestores do capital e os que vivem de juros e da especulação, os pequenos empresários e a pequena burguesia urbana e rural proprietária, ainda que possam se constituir importantes aliados da classe trabalhadora no campo político.

Dentro dessa perspectiva, podemos concluir que as metamorfoses do mundo do trabalho somadas à reestruturação produtiva do capital desencadearam uma série de desdobramentos que serviram como viés decisório sobre a vida dos trabalhadores. Como o trabalho conhecido anteriormente no modelo fordista-taylorista foi substituído por trabalhos e funções flexíveis, uma parte da demanda de trabalho foi especializada/intelectualizada, outra parcela da classe-que-vive-do-trabalho foi direcionada ao setor de serviços para atuar em funções flexíveis e polivalentes e outra parcela é ocupada por sujeitos em situação de desemprego – que já era previsto nos moldes neoliberais, além de ser considerado “normal” e benéfico para a lógica do capitalismo, já que fomentava a competição/concorrência – e/ou subempregos.

O mais brutal resultado dessas transformações é a expansão, sem precedentes na era moderna, do desemprego estrutural, que atinge o mundo em escala global. Pode-se dizer, de maneira sintética, que há uma processualidade contraditória que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho precário e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos. Há, portanto, um processo de maior heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora. (ANTUNES, 2016, p. 49-50).

Mais uma vez, a classe-que-vive-do-trabalho experimenta novas formas de precarização, tendo como uma das principais forças, o desemprego estrutural e massivo que se instala na sociedade brasileira, corroborando sistematicamente com a desigualdade social. Posto isto, seguiremos na próxima seção tratando sobre o desemprego e a informalidade no contexto brasileiro e na contemporaneidade, na tentativa de compreender alguns dos seus impactos na realidade, trazendo à tona o nexo de causalidade entre essas duas categorias.

2.4 Desemprego e informalidade no Brasil.

Nesta seção, falaremos um pouco sobre as categorias de desemprego e informalidade no Brasil. Conforme falamos acima, podemos pensar nas diversas mudanças nas configurações e modelos de trabalho que foram surgindo à medida que o mundo do trabalho foi sendo modificado pelo capital ao redor do mundo, tendo como um dos efeitos diretos a redução e/ou eliminação de direitos trabalhistas, o que desaguou na classe-que-vive-do-trabalho e a afundou em diversos problemas sociais.

Segundo Ricardo Antunes, (2018, p.76), a partir do novo e mais amplo processo de reestruturação do capital que foi desencadeado no mundo todo no início da década de 1970, ocorreram diversos desdobramentos em diferentes frentes. Por um lado, aumentou as tendências de informalização da força de trabalho, o que aumentou também os níveis de precarização da classe trabalhadora. Por outro lado, os novos modelos e tendências, estariam apontando positivamente para os trabalhos com maior nível de intelectualização, sobretudo nos ramos com grande impacto tecnológico-informacional-digital. A partir daí, podemos pensar nas duas diferentes frentes como uma luta de classes, por um lado há a precarização do trabalho, dos direitos trabalhistas, da classe-que-vive-do-trabalho, o que aumentou mais ainda os níveis de desigualdade social, já por outro lado, há a propagação de que as tecnologias trarão a solução para o desemprego massivo vivenciado nos dias atuais.

em paralelo à ampliação de grandes contingentes que se precarizam intensamente ou perdem seu emprego, presenciemos também a expansão de novos modos de extração do sobretrabalho, capazes de articular um maquinário altamente avançado – de que são exemplos as tecnologias da informação e comunicação (TICs). A invasão dessas tecnologias no mundo das mercadorias, assim como a exigência de atividades dotadas de maiores “qualificações” e “competências”, é fornecedora de maior potencialidade

intelectual (aqui entendida em seu restrito sentido dado pelo mercado) ao trabalho social, complexo e combinado que efetivamente agrega valor. (ANTUNES, 2018, p.78)

Com a implementação das novas tecnologias, surgem também novas formas de exploração da força de trabalho, novos métodos de extração de mais-valia e novos modelos de trabalho (remotos, terceirizados, subcontratados, sem vínculo, temporários etc).

Destarte, trataremos a problemática da informalidade que surge a partir de altas taxas de desemprego e a necessidade de sobrevivência dos setores proletário e de serviços no Brasil contemporâneo.

A definição de desemprego para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “se refere às pessoas com idade para trabalhar (acima de 14 anos) que não estão trabalhando, mas estão disponíveis e tentam encontrar trabalho. Assim, para alguém ser considerado desempregado, não basta não possuir um emprego.” (IBGE, BR, 2024)³. E segundo os dados coletados pelo IBGE através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua, no 4º trimestre de 2023, revelam que a taxa de desemprego/desocupação do ano de 2023 ficou em 7,8%, o que dá em torno de 8,1 milhões de pessoas⁴. Além disso, fazendo um recorte por grandes regiões, o Nordeste fica em primeiro lugar com a taxa de 10,4% de desemprego.

Desse modo, ainda que neste ano tenhamos tido uma diminuição no índice do desemprego com relação ao ano de 2022, em que o percentual ficou em torno de 9,6%, a taxa de desemprego diminui à medida que a taxa de informalidade aumenta. Antes de prosseguir nesta discussão, trataremos aqui os conceitos de formal e informal para nortear nossa pesquisa.

A palavra formal se origina do latim *formalis*, que significa “o que é relativo a ou que serve de molde ou fôrma” (Houaiss, 2009). Ou seja, a rigor, formal seria aquilo que se enquadraria em um molde, em um padrão ou, por extensão, em um regulamento. Informal, por contraposição, é toda aquela condição que não se enquadra nesse regulamento. É nesse sentido que se baseia a interpretação de informal como sendo aquela situação que não se encontra em conformidade com os preceitos regulatórios, como já discutido anteriormente. (NOGUEIRA, DE CARVALHO, 2021, p. 25).

3

<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php#:~:text=O%20desemprego%2C%20de%20forma%20simplificada,basta%20n%C3%A3o%20possuir%20um%20emprego.>

4 <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

Sendo assim, subentende-se que trabalho formal diz respeito às ocupações que possuem registro na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), enquanto por outro lado, o informal aglutina os diversos tipos de ocupação que fogem do modelo formal, regido pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Segundo Mônica Dualibe (2010, p. 15-16), “a formalização da relação de emprego é feita pela anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social do trabalhador, por seu empregador, configurando-se o registro do empregado.”

Diante desse cenário, a organização social, econômica e política, somada aos desdobramentos e exigências do capital que atuam sobre as relações de trabalho formal, levantam a possibilidade da informalidade. De acordo com Maria Cristina Cacciamali (1983) existe pouco material sobre o trabalho informal, a autora nos oferece três vertentes que podem ser levantadas para analisar o objeto:

a primeira vincula – se aos estudos da Organização Internacional do Trabalho – OIT, efetuados a partir da década de 1970, sobre as condições de trabalho e de geração de renda nas economias africanas e asiáticas; a segunda conceituação é extraída dos relatórios efetuados no âmbito do Programa Regional de Emprego para a América Latina – PREALC, da OIT, também iniciadas nos anos de 1970; e, por último, as formulações de autores de inspiração marxista, que ressaltam a coexistência, nas economias capitalistas, de esferas produtivas com distintos graus de organização. (CACCIAMALI, apud DUALIBE, 2010, p.71)

A primeira diz respeito ao trabalho informal como aquele trabalho que é realizado em pequenos estabelecimentos, com a aplicação de técnicas pouco complexas e realizado por membros da mesma família ou um número reduzido de trabalhadores.

Já a segunda vertente teórica, analisa o trabalho informal como um setor formado pelo agrupamento de atividades com baixa produtividade, com trabalhadores que não foram integrados ao mercado de trabalho formal. Desse modo, essa vertente se divide em dois grandes grupos: atividades informais funcionais e marginais. A primeira considera que as atividades podem alcançar um nível de produtividade capaz de concorrer com as empresas capitalistas, logo, devem ser fomentadas. Já a segunda estaria fadada ao fracasso e como alternativa, restaria a qualificação dos trabalhadores para que estes fossem inseridos no mercado de trabalho formal.

A terceira vertente, chama atenção para o modo de produção capitalista na formação do trabalho informal, com foco na constituição de grandes empresas e grupos oligopolistas.

Levando em consideração que o tema da informalidade pode ser abordado com diversos sentidos e significados, faremos uma análise a partir da informalidade e do trabalho informal como métodos de sobrevivência ao desemprego, trazendo alguns índices da informalidade como estratégia de acesso a algum tipo de renda. De acordo com Antunes (2018, p. 82),

Uma vez que concebemos a informalidade quando há ruptura com os laços formais de contratação e regulação da força de trabalho, pode-se acrescentar que, se a informalidade não é sinônimo direto de condição de precariedade, sua vigência expressa, com grande frequência e intensidade, formas de trabalho desprovidas de direitos, as quais, portanto, apresentam clara similitude com a precarização. Desse modo, a informalização da força de trabalho vem se constituindo como um dos mecanismos centrais utilizados pela engenharia do capital para ampliar a intensificação dos ritmos e movimentos do trabalho e ampliar o seu processo de valorização. E, ao fazê-lo, desencadeia um importante elemento propulsor da precarização estrutural do trabalho.

Partindo dessas concepções sobre informalidade e trabalho informal que aborda o pensamento de alguns autores marxistas, podemos seguir com a discussão acerca da causalidade entre o desemprego e a informalidade no Brasil contemporâneo.

Segundo a PNAD Contínua do 4º trimestre de 2023, a taxa anual de informalidade a nível nacional está em 39,2%, além disso, de acordo com os dados abaixo:

O número de empregados sem carteira assinada no setor privado também cresceu no período, chegando a 13,4 milhões (5,9%). Das oito unidades de federação que registraram queda nesse contingente, as maiores variações estavam no Acre (-26,1%), Rondônia (-15,2%) e Mato Grosso (-7,4%). Entre as que tiveram aumento no número de empregados sem carteira, destacaram-se Mato Grosso do Sul (26,5%), Amazonas (25,9%) e Rio Grande do Norte (25,8%).

Já o número de trabalhadores por conta própria totalizou 25,6 milhões em 2023, alta de 0,9% no ano. Nesse indicador, 15 UFs registraram variação negativa, com destaque para o Pará (-8,2%) e o Tocantins (-6,6%).⁵

⁵[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/39206-pnad-continua-trimestral-em-2023-taxa-anual-de-desocupacao-cai-em-26-ufs#:~:text=Entre%202022%20e%202023%2C%20a,Paulo%20\(31%2C5%25\).](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/39206-pnad-continua-trimestral-em-2023-taxa-anual-de-desocupacao-cai-em-26-ufs#:~:text=Entre%202022%20e%202023%2C%20a,Paulo%20(31%2C5%25).)

Ou seja, nos dias atuais, a informalidade já se instalou na sociedade brasileira de maneira mascarada como sendo um leque de alternativas que podem ser utilizadas para a sobrevivência, tendo em vista as taxas de desemprego massivo. Além disso, existe uma guerra de narrativas falaciosas que alegam que o trabalho informal dá mais liberdade e autonomia ao trabalhador, quando na verdade, sem um vínculo formal de trabalho, o trabalhador entra num universo onde ele se torna um trabalhador por conta própria, desassistido e precarizado.

Em suma, diante do que foi discutido, há a possibilidade de não só pensarmos na causalidade entre capitalismo, desemprego e informalidade, como podemos traçar um desenho em torno de todas as formas que o trabalho foi precarizado pelo capital, começando pelo reordenamento produtivo, novas formas de acumulação, sob uma ideologia neoliberal, que por sua vez, contou com o sucateamento dos sindicatos e dos direitos trabalhistas, além do desemprego e da informalidade. O conjunto dessas medidas que tinham como proposta o avanço e o sucesso do capital, por fim, resultou num retrocesso para o mundo do trabalho e na derrocada sistemática da classe proletária. O que podemos constatar nos dias atuais, é uma classe trabalhadora adoecida e fragmentada, que se divide em diferentes níveis de precariedade e soluções de sobrevivência desesperadas, transitando entre o desemprego e a informalidade.

3. CAPÍTULO II - CONHECENDO A VIDA E ROTINA DO TRABALHADOR INFORMAL AMBULANTE NOS ÔNIBUS DE MACEIÓ.

O presente capítulo trata sobre a pesquisa de campo realizada nos bairros de Maceió, mais precisamente, dentro dos ônibus da cidade de Maceió, com o objetivo de identificar o perfil do trabalhador ambulante informal, a fim de conhecermos um pouco das vidas e rotinas diárias desses trabalhadores informais que atuam como vendedores ambulantes no interior dos ônibus de Maceió, suas dificuldades, desafios, trajetos, estratégias e concepções sobre sua classe e seu trabalho desempenhado. A pesquisa foi realizada no período de 20/06/2023 a 20/06/2024 e durante o qual realizamos observações diretas, além da aplicação de 30 entrevistas semiestruturadas utilizadas para conhecermos melhor o trabalhador e seu trabalho desempenhado.

Os dados coletados foram sistematizados e analisados, levando em consideração cinco pontos principais: perfil e identificação do trabalhador ambulante dos transportes coletivos; características socioeconômica e familiar; trajetórias laboral dos trabalhadores ambulantes em transportes coletivos; características das atividades como trabalhador ambulante dos transportes coletivos e por último, espaço de comercialização, colaboração e organização desses trabalhadores, além de sua relação com o Estado e sindicato.

3.1. Estabelecendo contatos e conexões com os trabalhadores ambulantes informais.

De início, realizamos uma identificação parcial dos locais de embarque e desembarque desses trabalhadores nos ônibus de Maceió a fim de estabelecer contatos e iniciar uma relação que possibilitasse observar suas rotinas e entender um pouco sobre as configurações de trabalho dessa categoria, constatar e analisar seus circuitos diários, além de coletar o máximo de informações possíveis sobre suas vidas e seu trabalho, visamos, assim, obter uma maior compreensão e assimilação de dados para maior entendimento deste fenômeno singular que é o trabalho ambulante informal no interior dos transportes coletivos de Maceió. A princípio, tivemos dificuldade em estabelecer contato com estes trabalhadores no momento de sua atuação, por se tratar de uma atividade padronizada e de execução rápida, tendo em vista que os trabalhadores sobem nos ônibus e iniciam com seus scripts para comercialização dos seus

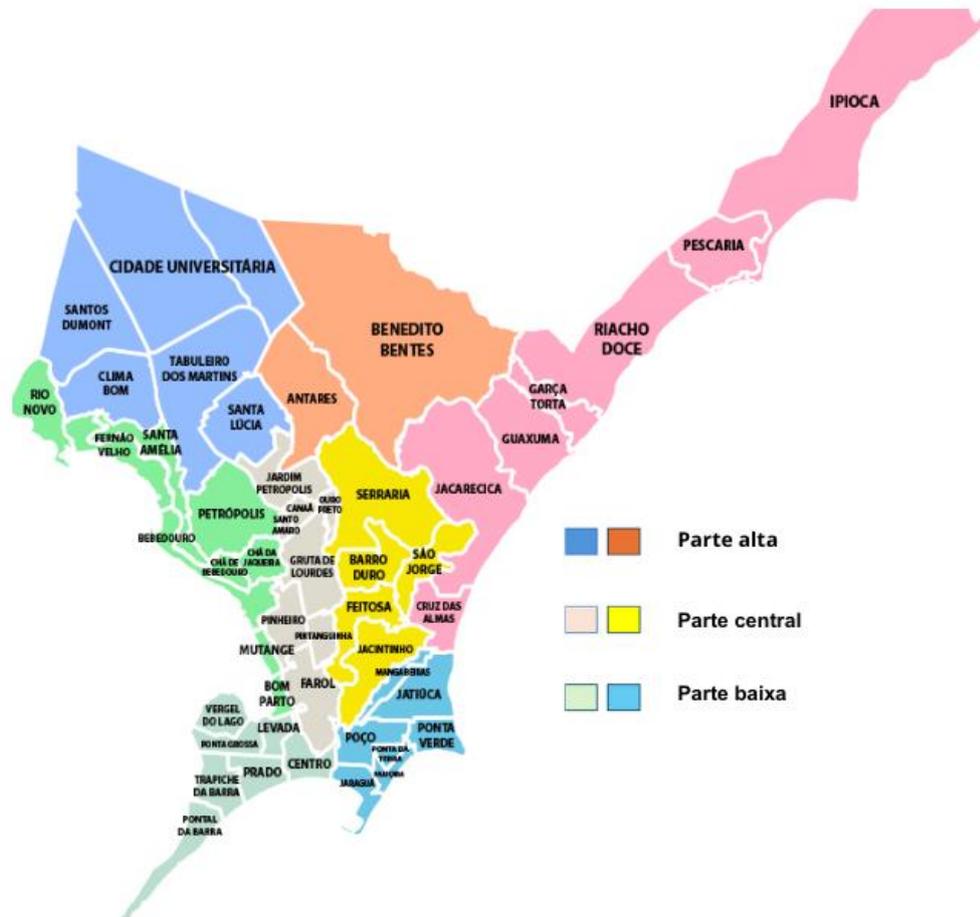
produtos, que em seguida, parte de assento em assento até que chegue ao fim, para de imediato, descer numa próxima parada e repetir o mesmo ciclo em outro ônibus,

Pensando em não atrapalhar seu trajeto e atividades de trabalho, tentamos outras estratégias, até que por fim, decidimos encontrar esses trabalhadores em locais onde eles fizessem uma pausa, seja para a realização de suas necessidades fisiológicas, para um lanche/refeição ou até mesmo para a reposição das suas mercadorias. Sendo assim, encontramos três locais em que essas atividades eram mais frequentes, o que mais adiante, nos foi revelado que esses locais se tratavam de pontos de apoio para estes trabalhadores, que eram posicionados de forma estratégica para maior facilidade na execução de suas rotinas diárias. Estes locais são: 1) Terminal Integrado de Ônibus, localizado no bairro do Benedito Bentes 1; 2) Ponto de ônibus da Casa Vieira, localizado no bairro do Farol; 3) Ponto de ônibus do Parque Shopping Maceió, localizado no bairro da Cruz das Almas.

Maceió é uma cidade que pode ser dividida em três grandes partes: parte alta, parte média/central e parte baixa; a primeira localiza-se mais ao norte, na região do aeroporto e redondezas que conta com uma população mais periférica e menos abastadas; a segunda situa-se mais na parte central da cidade, ligando norte e sul; e a terceira, na parte sul, região das praias e bairros mais populares e abastados.

Adiante, explanamos as informações através de um mapa das regiões administrativas de Maceió que foi adaptado para que possamos ilustrar melhor as divisões entre as partes (alta, central e baixa), buscando melhor elucidar as dimensões geográficas em que atuam os trabalhadores ambulantes informais de Maceió.

Figura 1: Mapa das regiões alta, central e baixa de Maceió-AL.



Fonte: Adaptado pelo autor a partir do site da Participa - Prefeitura de Maceió (2023).

É de se pensar que existam diversos outros pontos de apoio que são utilizados pelos trabalhadores ambulantes dessa categoria em observação, mas os mais frequentes em nossas pesquisas foram esses três citados e sobre eles nós faremos algumas observações para maiores esclarecimentos e análises.

3.1.1 Terminal Integrado de Ônibus do Benedito Bentes 1.

Trata-se do maior terminal integrado de ônibus da cidade de Maceió, com a maior circulação de pessoas em um dos maiores e mais populosos bairros de toda a cidade. Em nossas pesquisas, grande parte dos ambulantes entrevistados residem na região dos bairros Benedito Bentes 1 ou 2, localizados na parte alta de Maceió, o que possibilita que seu local de partida e

de apoio sejam exatamente no terminal de ônibus, o que facilita consideravelmente o dia-a-dia desses trabalhadores, que podem se deslocar e em seguida, voltar para se alimentar, utilizar os banheiros e repor as mercadorias, encontrando-se com alguém que lhe possa fornecer suporte em sua tarefa diária.

3.1.2 Ponto de ônibus da Casa Vieira no bairro do Farol.

Localizado na região central da cidade, é um ponto de apoio aos ambulantes que optam por se fixar no trajeto central da cidade, dando preferência à Avenida Fernandes Lima, onde os trabalhadores podem facilmente fazer o embarque e desembarque nos ônibus, e bem como também comercializar suas mercadorias com os passageiros que estão aguardando seu transporte. Além disso, existem as possibilidades de utilização dos banheiros e de alimentação no local, que conta com uma lanchonete e restaurantes a preço popular, o que facilita seu dia-a-dia.

3.1.3 Ponto de ônibus do Parque Shopping Maceió no bairro da Cruz das Almas.

Esse ponto em especial entrega a possibilidade de o ambulante circular e comercializar os seus serviços na parte baixa de Maceió e nos bairros que compõem a região do litoral norte, bairros estes que estão fora do alcance dos demais ambulantes que circulam entre as duas outras regiões da cidade. Trazendo mais alternativas para que esses trabalhadores possam circular e vender suas mercadorias, além de ser um ponto de ônibus que conta com diversos restaurantes, lojas, o próprio shopping e sua estrutura que também serve como um grande suporte no dia-a-dia dos ambulantes. Geralmente esse ponto de apoio é utilizado pelos trabalhadores que residem nas proximidades ou até mesmo, nas cidades vizinhas, já que existe uma enorme facilidade de se locomover pela parte baixa como um todo, seja para a região sul ou mesmo para o litoral norte.

3.2 Contato, identificação e análise dos perfis dos trabalhadores ambulantes informais.

Após identificarmos os locais onde seria possível entrevistar esses trabalhadores, seguimos com as observações participantes e a aplicação das 30 entrevistas semiestruturadas, buscando traçar seus perfis e suas trajetórias. Sendo assim, sobre os perfis, identificamos que

63,3% dos entrevistados eram homens e 36,7% eram mulheres. Dos entrevistados, 07 (23,3%) são LGBTQIAP+.

Além disso, elaboramos um quadro com algumas das informações a fim de facilitar a visualização dos dados obtidos através das entrevistas realizadas com os trabalhadores.

Quadro I - Perfil dos entrevistados

N	Identidade de Gênero	Idade	Estado civil	Cor/etnia	Nível de escolaridade
1	Homem hétero	41	Separado	Preto	Fundamental completo
2	Homem hétero	26	Solteiro	Pardo	Médio completo
3	Mulher hétero	49	Divorciada	Branco	Médio completo
4	Homem hétero	25	Casado	Pardo	Médio incompleto
5	Homem hétero	45	Casado	Preto	Fundamental incompleto
6	Homem hétero	33	Solteiro	Preto	Médio completo
7	Homem hétero	39	Solteiro	Preto	Médio incompleto
8	Homem hétero	27	Solteiro	Branco	Médio completo
9	Homem homossexual	29	Solteiro	Pardo	Médio completo
10	Mulher hétero	40	Casada	Preto	Fundamental completo
11	homem hétero	49	Casado	Pardo	Médio incompleto
12	Mulher hétero	40	Divorciada	Preto	Médio completo
13	Homem homossexual	26	Solteira	Preto	Superior incompleto
14	Mulher hétero	29	Solteira	Pardo	Médio completo
15	Mulher lésbica	36	Casada	Branco	Médio completo
16	Homem hétero	41	Solteiro	Pardo	Médio incompleto
17	Mulher hétero	36	Solteira	Branco	Médio completo
18	Homem homossexual	29	Solteiro	Preto	Médio completo
19	Mulher hétero	52	Divorciada	Pardo	Médio completo
20	Homem homossexual	30	Solteiro	Pardo	Médio completo

21	Mulher hétero	40	Separada	Pardo	Médio incompleto
22	Mulher hétero	42	Casada	Preto	Médio incompleto
23	Homem hétero	50	Solteiro	Preto	Fundamental completo
24	Homem homossexual	29	Solteiro	Pardo	Médio completo
25	Homem hétero	25	Solteiro	Pardo	Médio completo
26	Homem hétero	33	Solteiro	Preto	Médio completo
27	Homem hétero	45	Divorciado	Preto	Médio completo
28	Mulher lésbica	30	Solteira	Branco	Médio completo
29	Homem hétero	36	Solteiro	Pardo	Médio completo
30	Mulher hétero	41	Solteira	Branca	Médio completo

Fonte: Soares Júnior (2024), elaboração do autor através do trabalho de campo.

De acordo com algumas narrativas ouvidas no trabalho de campo, pode-se concluir que a predominância masculina no trabalho ambulante informal nos transportes coletivos de Maceió pode ser verificada e explicada a partir da lógica da divisão social do trabalho, que é evidenciada quando grande parte das mulheres acabam por ocupar espaços informais ligadas ao cuidado, enquanto a maioria dos homens se direciona aos tipos de atividades informais que são desempenhadas na rua, o que ficou conhecido como tipos de trabalho "pesados". Nas próprias palavras de alguns dos entrevistados, ouvimos que:

[...] minha esposa fica encarregada de cuidar dos nossos filhos e da casa e o meu dever é trazer o pão pra dentro de casa. Ela me ajuda com algumas coisas do meu trabalho e trabalha bastante em casa pra manter tudo em ordem enquanto eu passo o dia na rua, na luta também. (ENTREVISTADO 5).

[...] moro só eu e meu filho e tenho que dar conta de tudo. A única coisa que eu espero dele é que ele estude e o resto pode deixar comigo. Não tenho homem e nem preciso de um, comigo não tem tempo ruim, faça chuva ou faça sol eu to aqui, fazendo o meu sustento porque se depender de mim, meu filho e eu nunca precisaremos de homem pra viver. (ENTREVISTADA 29).

Essas duas narrativas, por mais que sejam diferentes, nos ajudam a evidenciar, que os papéis sociais e a divisão social do trabalho se fazem presente no cotidiano desses trabalhadores informais ambulantes e por mais que haja uma distinção de funções, ser mulher não representa

nenhum tipo de fragilidade frente às diversas necessidades que existem no dia-a-dia das mulheres que exercem esse tipo de atividade de comércio nos transportes públicos de Maceió.

Sobre o fator da autodeclaração étnica, a maioria dos entrevistados se declarou como sendo pretos 43,3% (13), 37,7% como sendo pardos (11) e apenas 20% (6) como sendo brancos, o fator raça também foi um atenuante muito presente nas narrativas do entrevistados, que por sua vez, informaram que possuem dificuldade de encontrar emprego formal por causa de sua cor/etnia/raça, além de serem marginalizados pelo mesmo fator ao desempenharem suas atividades no comércio ambulante informal dentro dos coletivos. Em suas próprias palavras:

[...] dificuldade de ser visto como digno. Sou negro e as pessoas me veem como um marginal, não me respeitam e ficam até com medo de olhar pra mim, de pegar minha mercadoria e por isso, deixam de comprar. Eu tento ao máximo chegar e ganhar a confiança dos fregueses, mas é difícil viu? O motorista muitas vezes não abre a porta pra que eu possa subir e eu sei que é porque me vê como um vagabundo e não como um trabalhador. (ENTREVISTADO 5).

Por mais que eu seja comunicativo e tenha educação e bom humor, as pessoas me evitam. Sou um cara preto, meu cabelo é black e as pessoas não me enxergam como um cidadão, acham que vou roubar, que sou um sem futuro e até mesmo vagabundo, mas na verdade, só quero fazer o meu trabalho e eles que são racistas. (ENTREVISTADO 19).

Desse modo, ficou claro que os trabalhadores ambulantes informais pretos são os que mais encontram dificuldade em exercer suas atividades diárias devido ao tom de sua pele, quanto mais escura, mais mal vistos perante a sociedade e por mais que estes estejam transitando nos ônibus e lidando com uma população majoritariamente de trabalhadores, ainda assim, há muita discriminação, o que por fim, limita a sua atuação e o seu sucesso com as vendas das suas mercadorias, implicando diretamente no seu dia-a-dia.

Já sobre o fator escolaridade, não fora verificado que exista um padrão de discriminação ou de maiores dificuldades tendo em vista que a maior arma do trabalhador ambulante informal é a sua comunicação e persuasão, e por sua vez, essas duas características predominantes são

adquiridas no cotidiano, através da prática dos trabalhadores. É certo que quanto mais qualificado e maior o seu grau de instrução, existirá uma maior facilidade em lidar com o público e em comunicar-se de forma fluida e eficaz, mas o contrário não implica em algum tipo de desvantagem que seja considerável do ponto de vista dos próprios trabalhadores. De acordo com um dos nossos entrevistados:

[...] mas isso nunca me impediu de querer mais. Sempre procurei me informar e aprendi na vida a falar e a fazer conta, hoje em dia ando com minha calculadora caso eu não saiba passar o troco e faço meu trabalho como qualquer outro. Ninguém me bota pra trás e eu também só quero o que é meu. Queria sim ter estudado mais, ter terminado o colegial, mas era muito difícil pra mim na época, só restava cortar cana pra ter comida na mesa. (ENTREVISTADO 11)

Apesar da baixa escolaridade não ser um fator atenuante para a discriminação do trabalhador ambulante informal, em seu ambiente de atuação próprio (comércio), ela se torna um peso quando pensamos na possibilidade de conseguir um emprego formal. No contexto atual, tem se tornado cada vez mais difícil de obter um emprego formal para os trabalhadores que não possuem no mínimo o ensino médio completo, o que por sua vez, os direciona para o desemprego, para trabalhos informais e até mesmo para trabalhos análogos a escravidão como forma de sobrevivência ou alternativas para sair do desemprego e obter renda.

Partindo dessa análise, seguiremos com alguns dados e características socioeconômicas das famílias dos entrevistados, que será expressada de forma clara e didática com auxílio do quadro a seguir.

Quadro II - Características sócio econômica/familiar dos entrevistados

N	Cidade de origem	Cidade/bairro de moradia atuais	Residência própria	Filhos	Renda única	Renda familiar
1	Maceió/AL	Maceió/ Clima bom	Alugada	2	SIM	1 a 2 salários mínimos
2	Maceió/AL	Maceió/ Benedito bentes 2	Alugada	0	SIM	1 salário mínimo
3	União dos palmares/AL	Maceió/ Vergel	Própria	3	SIM	1 a 2 salários mínimos
4	Arapiraca/AL	Maceió/ Jaqueira	Própria	2	SIM	1 a 2 salários mínimos
5	Murici/AL	Maceió/ Vergel	Própria	4	SIM	1 a 2 salários mínimos
6	Maceió/AL	Maceió/ Gruta de Lourdes	Alugada	0	SIM	1 a 2 salários mínimos
7	Praia grande/SP	Maceió/ Pitanguinha	Alugada	1	SIM	1 a 2 salários mínimos
8	Maceió/AL	Maceió/ Clima bom	Própria	0	SIM	1 salário mínimo
9	Maceió/AL	Maceió/ Jacintinho	Alugada	0	SIM	1 salário mínimo
10	Paripueira/AL	Maceió/ Riacho doce	Própria	3	SIM	1 a 2 salários mínimos
11	Campinas/SP	Maceió/ Cleto	Alugada	1	SIM	1 salário mínimo
12	Viçosa/AL	Maceió/ Barro duro	Própria	2	SIM	1 a 2 salários mínimos
13	União dos palmares/AL	Maceió/ Guaxuma	Alugada	0	SIM	1 a 2 salários mínimos
14	Maceió/AL	Maceió/ Benedito bentes 2	Própria	0	SIM	1 a 2 salários mínimos
15	Pindoba/AL	Maceió/ Feitosa	Alugada	0	SIM	1 a 2 salários mínimos
16	Rio largo/AL	Maceió/ Cruzeiro	Própria	2	SIM	1 a 2 salários mínimos
17	Maceió/AL	Maceió/ Canaã	Alugada	0	SIM	1 salário mínimo
18	Maceió/AL	Maceió/ Jacintinho	Alugada	0	SIM	1 salário mínimo

19	Anadia/AL	Maceió/ Bebedouro	Própria	2	SIM	1 a 2 salários mínimos
20	Maceió/AL	Maceió/ São jorge	Alugada	1	SIM	1 a 2 salários mínimos
21	Maceió/AL	Maceió/ Benedito bentes 1	Própria	2	SIM	1 a 2 salários mínimos
22	Maceió/AL	Maceió/ Benedito bentes 1	Própria	1	SIM	1 a 2 salários mínimos
23	Salvador/BA	Maceió/ Benedito bentes 2	Própria	1	SIM	1 a 2 salários mínimos
24	Água preta/PE	Maceió/ Benedito bentes 1	Alugada	0	SIM	1 a 2 salários mínimos
25	Arco verde/PE	Maceió/ Benedito bentes 2	Própria	0	NÃO	1 salário mínimo
26	Maceió/AL	Maceió/ Benedito bentes 1	Alugada	0	SIM	1 salário mínimo
27	Maceió/AL	Maceió/ Benedito bentes 1	Própria	0	SIM	1 salário mínimo
28	Maceió/AL	Maceió/ Benedito bentes 2	Alugada	0	SIM	1 a 2 salários mínimos
29	Maceió/AL	Maceió/ Benedito bentes 2	Alugada	0	SIM	1 a 2 salários mínimos
30	Recife/PE	Maceió/ Clima bom 2	Própria	1	SIM	1 a 2 salários mínimos

Fonte: Soares Júnior (2024), elaboração do autor através do trabalho de campo.

A partir da observação e análise das informações obtidas e disponibilizadas no quadro acima, pode-se verificar que a grande maioria dos entrevistados tem sua origem no estado de Alagoas 83,3% (25) e apenas 16,7% (5) tem sua origem em outros estados do Brasil. Desses 83,3% de origem alagoana, 50% (15) nasceram na capital Maceió, enquanto a outra metade dos entrevistados nasceram em diversos outros municípios. Ainda pela mesma linha de raciocínio, todos os entrevistados atualmente residem na capital de Maceió, ou seja, 50% dos trabalhadores entrevistados migraram para a capital Maceió na tentativa de trabalhar e constituir alguma renda, o que se pode enquadrar em partes no fenômeno do êxodo rural.

Ainda sobre a questão da moradia, 16 dos entrevistados residem na parte alta de Maceió, ou seja, mais da metade dos entrevistados moram nos bairros mais periféricos e carentes da cidade, com mais dificuldade de locomoção e de acessos do que os demais, sendo historicamente alocados em bairros mais distantes do centro da cidade, o que dificulta o acesso ao emprego formal e a melhores condições de vida e subsistência. Passando por esse ponto específico, mas seguindo nossa análise sobre as características socioeconômicas e familiares, a discussão sobre moradia nos revela que 50% dos entrevistados possuem casa própria e 50% pagam o aluguel de suas moradias. Os que possuem casa própria revelaram que residem em casas que foram concedidas através de programas sociais como o Minha casa minha vida e os demais, possuem residências em comunidades específicas que são conhecidas por terem baixo custo de vida. Essas informações foram coletadas durante as entrevistas e deixamos aqui alguns dos relatos:

[...] graças a Deus conseguimos nossa casinha pelo Minha casa minha vida e hoje vivemos melhor, era muito difícil ter que pagar aluguel. Se hoje já é uma batalha, antes era muito pior. (ENTREVISTADO 03).

[...] hoje nós podemos dormir mais tranquilos, temos nossa casa e vamos deixar se Deus quiser para nosso filho, pra que ele possa viver melhor do que a gente teve que viver quando chegamos aqui em Maceió. Conseguimos nossa casa pelo Minha casa minha vida e temos menos uma preocupação. É muito ruim depender de aluguel meu filho. (ENTREVISTADO 09)

Sobre o tamanho das famílias e a existência de filhos/dependentes, a média de filhos por entrevistados é de 0,93%, número este que se justifica pelo fato de que a maioria dos entrevistados não possui filhos e alguns possuem entre dois ou três. Ou seja, 15 dos entrevistados possuem entre 1 a 4 filhos e os outros 15 não possuem.

Além do programa minha casa minha vida, que foi relatado de forma espontânea pelos entrevistados, no nosso questionário semiestruturado, adicionamos uma pergunta sobre a questão dos benefícios sociais, dos 15 entrevistados que possuem filhos, 10 alegam que recebem o benefício do bolsa família, já entre os demais, ficou elucidado que estes não recebem nenhum outro tipo de benefício ou assistência de algum programa social.

Sobre o fator renda familiar e a principal atividade para a obtenção dela, 29 dos 30 entrevistados tem como atividade principal o trabalho ambulante informal, mas desses 29, 5 ainda trabalham nos finais de semana realizando o que conhecemos popularmente como bicos,

as atividades variam entre faxinas (serviços gerais e de limpeza), garçom, atendente ou trabalham em eventos.

Sendo assim, ainda sobre o fator renda familiar, 21 dos 30 entrevistados alcançam de 1 a 2 salários mínimos por mês, trabalhando como ambulante informal nos transportes públicos de Maceió, além disso, ao perguntar se a renda obtida por eles através do trabalho ambulante informal é suficiente para sobreviver, 24 dos 30 entrevistados informa que sim, os outros 6, que não, precisando assim, complementar sua renda de alguma outra forma.

Apesar de a maioria dos ambulantes responderem que possuem renda para a sobrevivência, foi constatado que o tipo de atividade é precária e incerta, o que por sua vez, traz diversos tipos de inseguranças que são evidenciadas no cotidiano dos trabalhadores, pois eles, por sua vez, precisam contar com o fator do movimento e de outros tipos de sinistros que podem ou não ocorrer no dia-a-dia e impactar negativamente no lucro desses trabalhadores, lucro este, que já não é alto.

Por ser um trabalho informal e que não é regularizado, as trajetórias desses trabalhadores se tornam cada vez mais árduas e precarizadas, o que os mantém sempre no nível da pobreza. Por mais que os trabalhadores deem o seu melhor todos os dias e exerçam suas atividades por uma quantidade de horas exorbitante, o fator lucro não depende diretamente de seu esforço, mas sim de diversos fatores externos a eles mesmos, o que acaba por limitar seu alcance e acesso aos bens materiais, saúde, educação de qualidade e etc. Sendo assim, traremos informações sobre suas trajetórias no quadro a seguir para melhor ilustrar suas histórias e seus caminhos percorridos até então, na tentativa de agregar valor às suas existências, que são tão importantes, mas que são historicamente menosprezadas pelo corpo social, Estado e também pela academia.

Lista I – Trajetória profissional dos trabalhadores Ambulantes (Profissões e funções desempenhadas)

Entrevistado 01: Encanador, pedreiro, vendedor, sapateiro, gari.

Entrevistado 02: Atendente, jardineiro, serviços gerais.

Entrevistado 03: Serviços gerais, babá, lavradora, prestanista, vendedora.

Entrevistado 04: Serviços gerais, servente de pedreiro, auxiliar de produção.

Entrevistado 05: Cortador de cana, caseiro, auxiliar de limpeza.

Entrevistado 06: Vendedor, motorista, vigilante, segurança.

Entrevistado 07: Gari, pedreiro, eletricista, pintor.

Entrevistado 08: Atendente, garçom, vendedor.

Entrevistado 09: Auxiliar de limpeza, cuidadora de idoso, babá, diarista.

Entrevistado 10: Auxiliar de limpeza, cuidadora de idoso, babá, diarista.

Entrevistado 11: Pedreiro, padeiro, serviços gerais, motorista.

Entrevistado 12: Garçonete, frentista, merendeira, cozinheira, vendedora, atendente de loja.

Entrevistado 13: Auxiliar administrativo, vendedor, call center.

Entrevistado 14: Secretária, cozinheira, diarista, babá.

Entrevistado 15: Cozinheira, babá, auxiliar de limpeza, vendedor.

Entrevistado 16: Lavrador, pedreiro, limpeza, vigilante, garçom.

Entrevistado 17: Garçonete, supervisora de loja., vendedora, auxiliar de limpeza.

Entrevistado 18: Segurança, motoboy, ajudante de obras, vendedor.

Entrevistado 19: Empregada, cozinheira, cortadora de cana, babá, vendedora.

Entrevistado 20: Recepcionista, auxiliar de limpeza, porteiro, vendedor.

Entrevistado 21: Diarista, babá, auxiliar de limpeza.

Entrevistado 22: Atendente, vendedora, call center.

Entrevistado 23: Auxiliar de limpeza e auxiliar de produção.

Entrevistado 24: Vendedor, estoquista.

Entrevistado 25: Call center.

Entrevistado 26: Pedreiro, vendedor, faxineiro.

Entrevistado 27: Já fui gari, vendedor, pedreiro, ajudante.

Entrevistado 28: Cozinheira, vendedora, atendente.

Entrevistado 29: Ajudante, vendedor, atendente de padaria.

Entrevistado 30: Auxiliar de cozinha, frentista, serviços gerais.

Fonte: Soares Júnior (2024), elaboração do autor através do trabalho de campo.

Com base nas informações coletadas, podemos afirmar que dos 30 entrevistados, sua grande maioria possui histórico de trabalho e experiência em diversas funções diferentes, o que por sua vez, deveria ser um indicador positivo nas vidas desses trabalhadores, porém, o que se verifica na realidade é o oposto disso, o indicador experiência não tem tanta relevância nas vidas desses trabalhadores e cada vez mais eles estão sendo posicionados às margens do mercado formal de trabalho, o que direciona esses trabalhadores a aceitar trabalhos cada vez mais precários e informais como uma alternativa ao desemprego estrutural proposto pelas configurações neoliberais impostas no contexto atual. Além disso, ao conversar com esses trabalhadores, não pude deixar de notar seu cansaço e frustração quando abordamos o tema dos empregos formais e suas expectativas em relação à obtenção de um vínculo formal, que por sua

vez, traria mais segurança e dignidade à vidas desses trabalhadores. Nas palavras dos entrevistados:

[...] passei 05 anos da minha vida procurando emprego em casa de família, lojas, industrias e até mesmo em shoppings, mas não consegui nada. E a vida segue, né? Tive que me virar do jeito que deu, é difícil, é! Mas todo dia peço a Deus pra me dar forças e me ajudar a não perder as esperanças. (ENTREVISTADO 3).

[...] tá cada vez mais difícil de arrumar alguma coisa que seja de carteira assinada, já tentei de tudo, sempre fui um cara de trabalhar e não ter tempo ruim, sempre fui de fazer tudo e é por isso mesmo que estou aqui. Tentei arrumar emprego e ainda não paro de tentar, falo com um, falo com outro, dou meu número e endereço, mas nada... e aí já sabe né? As contas não param de chegar e eu continuo na luta. (ENTREVISTADO 18).

[...] tenho experiência em quase tudo, sou uma mulher vivida, mas já passei dos 50 e hoje em dia ninguém quer contratar uma pessoa como eu, é difícil e trabalhar na rua é uma luta, estou cansada, cheia de dores, mas não posso parar, tenho minha família e faço de tudo pra ficarmos bem, vamo pra frente né meu filho? (ENTREVISTADO 19).

A seguir, apresentaremos o quadro que complementa essa lista e ilustra melhor a complexidade das trajetórias dos trabalhadores ambulantes informais, onde será possível verificar de forma quantitativa os dados coletados.

Quadro III - Trajetórias dos trabalhadores Ambulantes

N	Com qual idade começou a trabalhar?	Quantas pessoas trabalham na sua casa?	Já trabalhou como carteira assinada antes?	Qual seu último trabalho antes de ser ambulante?	Por que deixou seu trabalho anterior?	Pretende voltar ao mercado formal?
1	12 anos	Somente eu	Sim	Pedreiro	Demissão	Sim
2	16 anos	Duas	Não	Ajudante de limpeza	Demissão	Sim
3	14 anos	Duas	Sim	Serviços gerais	Demissão	Sim
4	12 anos	Somente eu	Não	Carga e descarga	Demissão	Sim
5	13 anos	Somente eu	Sim	Auxiliar de produção	Demissão	Sim
6	20 anos	Somente eu	Sim	Call center	Demissão	Sim
7	10 anos	Somente eu	Sim	Serviços gerais	Demissão	Sim

8	15 anos	Somente eu	Não	Vendedor	Demissão	Sim
9	18 anos	Duas	Sim	Call center	Demissão	Sim
10	14 anos	Três ou mais	Sim	Era cuidadora de idoso	Demissão	Sim
11	15 anos	Somente eu	Não	Era ajudante de obras	Demissão	Sim
12	12 anos	Somente eu	Sim	Auxiliar de cozinha	Demissão	Sim
13	16 anos	Somente eu	Sim	Call center	Demissão	Sim
14	18 anos	Duas	Sim	Era babá	Demissão	Sim
15	16 anos	Duas	Sim	Era recepcionista	Demissão	Sim
16	14 anos	Duas	Sim	Diarista	Demissão	Sim
17	15 anos	Duas	Sim	Merendeira	Demissão	Sim
18	16 anos	Somente eu	Sim	Motoboy	Demissão	Sim
19	12 anos	Duas	Sim	Vendedora	Demissão	Sim
20	18 anos	Somente eu	Sim	Auxiliar de produção	Demissão	Sim
21	16 anos	Somente eu	Sim	Era diarista	Demissão	Sim
22	15 anos	Duas	Sim	Vendedora	Demissão	Sim
23	15 anos	Somente eu	Sim	Auxiliar de produção	Demissão	Sim
24	16 anos	Somente eu	Sim	Vendedor de sapatos	Demissão	Sim
25	16 anos	Duas	Sim	Call center	Demissão	Sim
26	18 anos	Somente eu	Sim	Era serviços gerais	Demissão	Sim
27	16 anos	Somente eu	Sim	Era gari	Demissão	Sim
28	18 anos	Duas	Sim	Aux. de cozinha	Demitida	Sim
29	16 anos	Duas	Não	ajudante de limpeza	Demissão	Sim
30	16 anos	Duas	Sim	Serviços gerais	Demissão	Sim

Fonte: Soares Júnior (2024), elaboração do autor através do trabalho de campo.

De acordo com as informações do quadro acima, obtidas por meio das entrevistas realizadas em campo, foi descoberto que em todos os casos, os entrevistados deixaram sua

atividade laboral anterior à de ambulante porque foram demitidos. Ou seja, essas pessoas foram lançadas ao desemprego e à própria sorte, vivendo às margens do mercado formal de trabalho; quando perguntados sobre a pretensão de retornar ao mercado de trabalho formal – carteira assinada – todos os entrevistados demonstraram interesse em retornar e disseram que seu foco é arrumar um trabalho de carteira assinada.

A seguir, traremos um segundo quadro com as informações de rotina com o comércio de pequenas mercadorias, horas de trabalho por dia e os pontos negativos e positivos do trabalho como ambulante informal nos ônibus de Maceió.

Quadro IV – Rotinas, mercadorias e dificuldades dos trabalhadores em sua atividade informal

N	Quantas horas de trabalho por dia?	Produtos comercializados	Pontos positivos	Pontos negativos
1	12 à 14 horas	Bala de coco, Jujuba, Balas, Pipoca Bokus, Salgadinhos	Conhecer pessoas, perder a timidez	Não temos segurança e sempre somos vistos como maloqueiros
2	10 à 12 horas	Doces, Salgadinhos, Balas, Amendoim, Broa	Conhecer pessoas, perder a timidez	Não compensa muito, a gente faz só porque não tem outra coisa
3	10 horas	Creminosinho, Picolé	Conhecer pessoas e ter autonomia	As pessoas tem nojo da gente, acham que a gente ta incomodando
4	8 à 10 horas	Chocolate, Água	Não existem	Arrogância, ser mal visto
5	8 à 10 horas	Acessórios de celular, Escova de dente, Tesoura, Capa de cartão	Autonomia	Dificuldade de ser visto como digno. Sou negro e as

				peças me veem como um marginal.
6	8 à 10 horas	Nego bom, Broa	Flexibilidade e autonomia	Rotina estressante, excesso de trabalho
7	10 horas	Pomada para dores, Jujubas, Bala de Maragogi	Não existem	Somos marginalizados
8	10 horas	Creminosinho	Flexibilidade	Muito trabalho e pouco dinheiro
9	10 à 12 horas	Nego bom, Amendoim, Salgadinhos, Broa	Autonomia, amizades, timidez	O lucro é pouco para a quantidade de trabalho
10	10 horas	Bolo de macaxeira, Pé de moleque, Cocada, Quebra queixo	Conhecer pessoas, ter autonomia e estar em movimento	É muito cansativo, já não tenho tanto pique e chego em casa morta
11	12 horas	Salgadinhos, Doces, Lanches rápidos	Autonomia, amizades, timidez	Muitas vezes me olham com preconceito, me acham sujo
12	8 à 10 horas	Chocolates, Doces, Broa, Guloseimas	Autonomia, amizades, timidez	O povo não dá atenção, subir e descer do ônibus é ruim, até já me acidentei
13	10 horas	Utensílios de eletrônicos, Fones, Cabos, Carregadores, Películas	Conhecer pessoas, ter autonomia e estar em movimento	Ninguém te ajuda, você não tem a quem recorrer. Faço só por necessidade
14	10 à 12 horas	Flau gourmet	Conhecer pessoas, e estar em movimento	Muito cansativo e pouco lucrativo, é o que tem
15	8 à 10 horas	Cosméticos, Pomadas, Água, Creminosinho	Não existem	Ser mulher lésbica e trabalhar na rua é complicado, muito desrespeito, ainda

				mais sendo ambulante
16	8 à 10 horas	Jujuba, Doces, Guloseimas, Salgadinhos	Conhecer pessoas, ter autonomia e estar em movimento	Não temos qualidade de vida, não temos nem vida, só trabalhamos
17	10 à 12 horas	Creminosinho	Não existem	Começando pelo desgaste físico, desgaste da voz, tudo dói no fim do dia
18	8 à 10 horas	Doritos, Cebolitos, Ruffles, Cheetos	Não existem	Única coisa boa é fazer seu horário, de resto é tudo precário!
19	8 à 10 horas	Cocadas caseiras, Doces caseiros, Bolos caseiros	Não existem	É muito cansativo estar o dia inteiro entrando e saindo de ônibus
20	8 à 10 horas	Jujuba, Nego bom, Pipoca Bokus, Chicletes, Balas	Não existem	Todos, muitos nem veem como um trabalho digno.
21	de 10 a 12	Salgadinhos, balas, doces no geral	Único ponto positivo é não ter patrão	Muito trabalho, o dia inteiro se movimentando
22	8 a 12 horas, depende do movimento	Salgadinhos chips	Meu horário quem faz sou eu	É tudo muito ruim. Difícil viver assim, mas é o que temos
23	12 horas	um pouco de tudo, confeito, amendoim, balas doces, broa	Único ponto positivo é que dá pra tirar uma renda sofrida	Todos. Tudo muito ruim, estou me acabando
24	de 8 a. 12, depende	Tudo, fone de ouvido, carregador, escova de dentes, porta cartão e por aí vai	Ponto positivo é eu mandar no meu trabalho	Baixo lucro, muito desgaste físico e mental

25	8 horas	Balas e salgadinhos	Bom é a autonomia	Todos, muita correria o dia todo
26	de 08 a 12	Camisas personalizadas a mão	Eu quem decido tudo	É um trabalho difícil, suado
27	12 horas	Lanches no geral, salgadinhos e balas	Faço meu horário e minhas regras	Muita dificuldade do início ao fim, trabalho cansativo
28	08 a 10	Doces gourmet	Ponto positivo é que sou minha própria chefe	Todos. Muito trabalho pra pouco lucro
29	10 à 12 horas	Doces, Salgadinhos, Balas, Amendoim, Broa	Conhecer pessoas, perder a timidez	O trabalho não compensa
30	10 horas	Cremsinho, Picolé	Conhecer pessoas e ter autonomia	As pessoas tem nojo da gente.

Fonte: Soares Júnior (2024), elaboração do autor através do trabalho de campo.

Com o auxílio da tabela acima, de início o que choca é a quantidade de horas trabalhadas em quase 100% dos casos. Como já prevíamos, o trabalho ambulante informal se insere como sendo uma das possibilidades possíveis para o desemprego, mas as condições de trabalho são muito mais desgastantes por ser um trabalho autônomo e sem nenhum tipo de assistência. Sobre os produtos comercializados, existe uma gama de variedades no ramo de alimentos/lanches industrializados, alimentos artesanais, cosméticos, roupas e acessórios no geral. Além disso, ao verificar os pontos positivos e negativos, podemos observar que existem padrões de respostas nas duas questões, em pontos positivos, muitos trabalhadores destacaram que não existem pontos positivos, o que deixa claro que muitas das vezes, não existe prazer ou até mesmo o mínimo de bem estar ao executar essa atividade ambulante informal. Sobre os pontos negativos, o que mais chama atenção é a insegurança e preconceito com sua cor/raça que foram relatados ao realizar o trabalho. Muitas pessoas destacaram que não são bem vistas nos ônibus e até mesmo ignoradas pelos passageiros no geral, outras informam também que o fato de estar

subindo e descendo dos ônibus o dia inteiro, acarreta em um enorme cansaço, além de trazer complicações para a saúde dos trabalhadores no geral. Em alguns dos relatos:

Dificuldade de ser visto como digno. Sou negro e as pessoas me veem como um marginal, não me respeitam e ficam até com medo de olhar pra mim, de pegar minha mercadoria e por isso, deixam de comprar. Eu tento ao máximo chegar e ganhar a confiança dos fregueses, mas é difícil viu? O motorista muitas vezes não abre a porta pra que eu possa subir e eu sinto que é porque me vê como um vagabundo e não como um trabalhador. (ENTREVISTADO 05).

Única coisa boa é fazer seu horário, de resto é tudo precário. Por mais que eu seja comunicativo e tenha educação e bom humor, as pessoas me evitam. Sou um cara preto, meu cabelo é black e as pessoas não me enxergam como um cidadão, acham que vou roubar, que sou um sem futuro e até mesmo vagabundo, mas na verdade, só quero fazer o meu trabalho e eles que são racistas! (ENTREVISTADO 18).

Com base nessas informações, fizemos duas perguntas complementares que foram: 1) Tem algum problema de saúde? 2) Quando você adoecer, o que você faz para continuar a ganhar dinheiro? Abaixo traremos uma lista com as seguintes respostas.

Lista II – Respostas complementares sobre a saúde dos trabalhadores

Entrevistado 01: 1) Não. 2) Peço ajuda para a minha família.

Entrevistado 02: 1) Não. 2) Peço ajuda para a minha família.

Entrevistado 03: 1) Não. 2) Peço ajuda para a minha família.

Entrevistado 04: 1) Não. 2) Peço ajuda para a minha família.

Entrevistado 05: 1) Não. 2) Nunca paro, só se for muito difícil a situação.

Entrevistado 06: 1) Esquizofrenia. 2) Paro de trabalhar e fico apenas com a aposentadoria.

Entrevistado 07: 1) Não. 2) Fico dependendo de ajuda de vizinhos, amigos e familiares.

Entrevistado 08: 1) Asma e autismo. 2) Paro de trabalhar e peço ajuda.

Entrevistado 09: 1) Não. 2) Infelizmente fico dependendo da minha família.

Entrevistado 10: 1) Tenho varizes. 2) Quando adoeço, meu marido trabalha sozinho.

Entrevistado 11: 1) Sou hipertenso. 2) Quando adoeço minha esposa faz diárias.

Entrevistado 12: 1) Tenho varizes e sou obesa. 2) Se eu parar, fico sem nada para comer.

Entrevistado 13: 1) Endometriose. 2) Meu esposo segura as pontas como dá.

Entrevistado 14: 1) Tenho diabetes. 2) Graças a Deus nunca precisei parar.

Entrevistado 15: 1) Sou hipertenso. 2) Quando adoeço meu filho me ajuda.

Entrevistado 16: 1) Não. 2) Meu irmão me ajuda quando pode.

Entrevistado 17: 1) Problema de coluna. 2) Quando tenho crise minha mãe me ajuda.

Entrevistado 18: 1) Sou cardíaca. 2) Quando adoeço fico em casa na produção.

Entrevistado 19: 1) Não. 2) Quando adoeço fico dependendo de ajuda da minha mãe.

Entrevistado 20: 1) Tenho esporão. 2) Infelizmente não tenho como parar.

Entrevistado 21: 1) Não. 2) Meu marido é ambulante e trabalha por nós dois.

Entrevistado 22: 1) Não. 2) Quando adoeço paro de ganhar meu dinheiro suado.

Entrevistado 23: 1) Tenho diabetes. 2) Quando adoeço paro tudo.

Entrevistado 24: 1) Não. Quando adoeço, paro de trabalhar para me cuidar.

Entrevistado 25: 1) Não. 2) Quando adoeço fico em casa e minha mãe me ajuda.

Entrevistado 26: 1) Não. 2) Graças a Deus muita gente me liga para comprar.

Entrevistado 27: 1) Não. Infelizmente não tenho ninguém pra me ajudar, fico a mercê.

Entrevistado 28: 1) Não. 2) Tento vender de casa, peço para alguém entregar.

Entrevistado 29: 1) Não. 2) Minha irmã me ajuda da forma que consegue.

Entrevistado 30: 1) Não. 2) Peço ajuda aos familiares.

Fonte: Soares Júnior (2024), elaboração do autor através do trabalho de campo.

Observando essa lista, fica claro que a maioria desses trabalhadores não possui nenhum tipo renda alternativa ao trabalho como ambulante informal. Em alguns dos casos, recebem suporte da família, amigos e familiares e relatam sempre que infelizmente não podem parar. Como um trabalhador que exerce uma atividade autônoma como esta, que requer movimento constante, poderia parar de trabalhar? Essa problemática nos abriu os olhos para a complexidade da situação e contexto em que esses trabalhadores estão inseridos e em como eles se veem quase que totalmente em estado de alerta e insegurança, sem saber como será o dia de amanhã.

Adiante, falaremos sobre as informações sobre as relações de trabalho com os motoristas e cobradores dos ônibus, além das relações entre os próprios trabalhadores ambulantes informais na tentativa de compreender se essas relações e dinâmicas ocorrem com o intuito de facilitar a atividade em si, ou se pelo contrário, dificultam sua execução.

Abordar a relação dos trabalhadores ambulantes informais com os motoristas e cobradores dos ônibus foi um tópico sensível da pesquisa de campo. 70% dos entrevistados informaram que não existe relação e que na maioria das vezes, os motoristas não abrem a porta dos ônibus para que os trabalhadores não subam. Da mesma forma, há relatos de que existem motoristas que param após os pontos de ônibus, fazendo com que os trabalhadores o percam ou tenham que correr para adentrar no veículo, o que dificulta ainda mais a atividade executada. Os outros 30% informam que existe uma relação apenas de educação, onde existe respeito mútuo e educação na maioria das vezes. Já sobre os cobradores, não tivemos muitas informações sobre essa relação. Ao perguntar sobre os motivos para que os motoristas dificultem o trabalho dos ambulantes, os entrevistados informaram que existem rumores de que as empresas de ônibus de Maceió punem os motoristas que abrem para os ambulantes informais.

Já sobre a relação dos trabalhadores entre si, durante a pesquisa de campo, 80% dos entrevistados informaram que não existe colaboração dos trabalhadores entre si, que na maioria das vezes, só existe respeito. De acordo com alguns relatos, os trabalhadores se respeitam e respeitam o sistema de regras estabelecido pela própria categoria, como por exemplo: se houver um trabalhador no ônibus, os demais não sobem. Os outros 20%, informaram que existe respeito e um pouco de colaboração, de acordo com eles, eles sempre optam para comprar algo a algum ambulante, para fortalecer. Além disso, informaram que também compartilham informações sobre a compra das mercadorias em preços mais acessíveis.

Fonte: Soares Júnior (2024), elaboração do autor através do trabalho de campo.

Isso nos fez pensar em como essa categoria de trabalhadores é desunida e desarticulada, o que por si só, dificulta o desenvolvimento da atividade como um todo. Pensando nisso, trataremos a seguir um quadro com informações relevantes sobre a relação dos trabalhadores com o sindicato e o que eles esperam do Estado para que seja possível alcançar mais dignidade e qualidade de vida através do trabalho que é desempenhado por eles como alternativa ao desemprego que tem sido implacável nas últimas décadas no Brasil.

Quadro V – O trabalho ambulante como categoria, a relação do trabalhador com o sindicato e o que esperam do Estado.

N	Vocês se organizam como grupo?	Faz parte de algum sindicato?	Como o Estado pode auxiliar no seu trabalho?
1	Não	Não	Uma lei que permita que a gente suba e desça pra vender
2	Não	Não	Ter mais incentivo, ser licenciado pra trabalhar nos ônibus, comprar com mais facilidade
3	Não	Não	Incentivo, colaboração das empresas de ônibus, passe livre
4	Não	Não	Ter direito de ser reconhecido como profissional
5	Não	Não	Organização, ajuda para ser melhor visto nos ônibus

6	Não	Não	Carteirinha para entrar nos ônibus, credibilidade, legitimidade
7	Não	Não	Oportunidade e ser bem visto
8	Não	Não	Incentivo e regulamentação
9	Não	Não	Espero que a situação mude e eu possa arrumar um emprego de verdade
10	Não	Não	Ter melhores condições para comprar e produzir. Queria ter um carrinho pra vender parada, sair dos ônibus, já estou cansada desse vai e vem
11	Não	Não	Incentivo, identificação, respeito, dignidade
12	Não	Não	Que tivesse alguém por nós, organizando nosso trabalho, ter acesso livre aos ônibus
13	Não	Não	Ser tratado como gente, que merece respeito
14	Não	Não	Ter mais reconhecimento, ser credenciada
15	Não	Não	Incentivos para comprar mais produtos, para utilizar os ônibus, ter reconhecimento
16	Não	Não	Ter entrada livre nos ônibus
17	Não	Não	Melhores condições, transporte de qualidade, acesso livre, muitas coisas

18	Não	Não	Ser visto como um trabalhador honesto e não como vagabundo
19	Não	Não	Poderia melhorar se eu tivesse um lugar fixo para vender minhas coisinhas
20	Não	Não	Conscientizar as pessoas que ambulante não é vagabundo, seria um bom começo
21	Não	Não	Alguém que possa falar por nós, que garante nossos direitos e dignidade
22	Não	Não	O que pode melhorar é a gente ter uma carteirinha de ônibus específica
23	Não	Não	Rapaz o que mais pesa é não ter uma carteirinha
24	Não	Não	Uma carteirinha de ônibus específica nossa
26	Não	Não	Ter um cartão pra subir nos ônibus
27	Não	Não	Um cartão de passe livre seria bom
28	Não	Não	Ter um apoio das empresas de ônibus pra subir e descer do transporte
29	Não	Não	Mais respeito das empresas de ônibus e dos próprios passageiros

30	Não	Não	Ter mais incentivo, ser licenciado pra trabalhar nos ônibus
----	-----	-----	---

Fonte: Soares Júnior (2024), elaboração do autor através do trabalho de campo.

Ao questionarmos sobre a organização dos trabalhadores ambulantes informais como grupo específico, ficamos alarmados ao descobrir que não existe uma organização; de acordo com os trabalhadores, cada um chega, faz o seu e vai embora. Em suas palavras:

Como não temos a quem recorrer e nem a quem reclamar, não pensamos em nos juntar, a gente vai e vem todo dia e tudo continua da mesma forma, tudo difícil. (ENTREVISTADO 07).

Nunca pensei nisso, na verdade a gente nem tem tempo de conversar, quem dirá de se organizar. Aqui é desse jeito que você tá vendo, a gente desce de um ônibus e já entra em outro, vai simhora e tudo se repete até o fim do expediente. É luta... eu até acho que juntos somos mais fortes, mas o difícil é juntar todo mundo. (ENTREVISTADO 11).

Já sobre a participação dos trabalhadores em um sindicato da categoria, era algo que nós já imaginávamos e pudemos constatar em campo. Os trabalhadores não possuem nenhum tipo de vínculo com sindicatos, na realidade, não existe um sindicato para a categoria em questão e é aí que reside o cerne do problema. O tipo de atividade ambulante informal dentro dos ônibus já existe há algum tempo; em nossas entrevistas, conversamos com trabalhadores que já realizam essa atividade há mais de 10 anos, mas ainda assim, são carentes de um sindicato específico para pontuar e auxiliar com suas pautas comuns. A ausência de um sindicato faz com que as condições de trabalho desses trabalhadores continuem sempre às margens da sociedade, desempenhando um trabalho cada vez mais precário e com cada vez menos retorno para os trabalhadores, já que não há quem possa articular sobre as condições de vida e de trabalho desses trabalhadores, suas dificuldades e necessidades enquanto seres humanos que empenham a sua força de trabalho de forma autônoma para a sobrevivência.

A existência de um sindicato é um ponto chave para o desenvolvimento do comércio ambulante informal como um todo, esses trabalhadores permanecem resistindo, mas até quando? De acordo com as informações coletadas em campo, ficou claro que o trabalho em si

é capaz de adoecer fisicamente esses trabalhadores, que precisam se locomover dentro dos veículos e entre os veículos, subindo e descendo enquanto muitas das vezes ainda estão em movimento, além de que ainda são prejudicados por terceiros, como o caso das empresas e dos próprios motoristas dos ônibus que não permitem a subida desses trabalhadores nos veículos.

Ao falarmos com os trabalhadores sobre o que eles esperam do Estado, eles esperam que haja algum tipo de intervenção que possa vir a melhorar as condições de trabalho no geral. Muitos deles destacam a necessidade de se obter um cartão para a utilização dos ônibus, evitando assim o transtorno de ser impedido de subir pelas portas de traseiras (portas de desembarque), além disso, destacam que poderiam ter algum tipo de auxílio para a compra das mercadorias, algum tipo de cadastro que os identifique como trabalhadores, evitando o mal-estar de serem julgados e discriminados como “vagabundos” e até mesmo “marginais”, como foi relatado na pesquisa

Por último e não menos importante, essa pesquisa vem sendo pensada desde meados de 2021 e com a chegada da pandemia do novo corona vírus Covid-19 – SarS CoV-2 – em nosso roteiro de entrevistas, acrescentamos a seguinte pergunta: Seu trabalho mudou depois da pandemia? Para exatamente tentar compreender como foi para esses trabalhadores, atuar dentro dos ônibus numa pandemia, onde o modo de utilização dos transportes coletivos foi alterado, junto das dinâmicas de convivência e contato humano.

Os trabalhadores responderam de forma unanime, que não havia a possibilidade de se atuar dentro dos transportes coletivos, uma vez que, havia uma quantidade máxima de pessoas por ônibus e que essas pessoas, deveriam estar devidamente sentadas em bancos alternados para evitar a transmissão e contágio do vírus. Ou seja, os trabalhadores se depararam com mais um empecilho que os impediu de trabalhar por quase 02 anos completos, o que por sua vez, os lançou mais ainda no desemprego estrutural, precisando se desdobrar para atuar em serviços precários e desumanos para manter sua sobrevivência e a das suas famílias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme evidenciado ao longo deste trabalho, a informalidade no mercado de trabalho emerge como um reflexo das dinâmicas excludentes do sistema capitalista. Esse fenômeno abrange majoritariamente trabalhadores de classes desprivilegiadas, alijados do mercado formal e submetidos a condições precárias, marcadas pela ausência de assistência governamental e pela negação de direitos trabalhistas. A inserção no comércio ambulante informal, muitas vezes, torna-se a principal alternativa frente ao desemprego estrutural, característica dos países subdesenvolvidos.

No caso específico de Maceió, os trabalhadores ambulantes que atuam nos ônibus urbanos representam uma pequena parcela da população economicamente ativa. Esses trabalhadores enfrentam uma rotina árdua, movendo-se incessantemente entre bairros e veículos, em uma tentativa diária de assegurar sua subsistência. Apesar de alguns pontos de apoio entre os próprios trabalhadores, o trabalho é predominantemente solitário, dificultando a construção de uma unidade de classe que possibilite avanços coletivos na busca por direitos e melhores condições de vida.

As entrevistas realizadas reforçaram a correlação entre o desemprego, a falta de políticas públicas de assistência social e a entrada desses indivíduos no mercado informal. Os relatos revelaram não apenas a precariedade das condições de trabalho, mas também o estigma social enfrentado por esses trabalhadores, frequentemente marginalizados pela sociedade e excluídos de benefícios básicos. Além disso, a sobrecarga física, com jornadas exaustivas de mais de 10 horas diárias, agrava problemas de saúde, como dores crônicas e varizes, tornando a atividade laboral ainda mais desafiadora.

A pandemia de COVID-19 trouxe à tona a vulnerabilidade extrema dessa categoria, evidenciando a ausência de suporte governamental em momentos críticos. Muitos trabalhadores relataram ter enfrentado o pior período de suas vidas, impossibilitados de trabalhar e sem acesso a auxílios suficientes. Mesmo após a retomada das atividades, precisaram recomeçar sem qualquer tipo de incentivo ou apoio estrutural.

Diante desse cenário, fica claro que é preciso incluir urgentemente os trabalhadores informais no centro das discussões sobre políticas públicas e direitos trabalhistas. Medidas como o cadastro formal desses trabalhadores, fornecimento de identificação adequada, concessão de benefícios para a aquisição de mercadorias e a criação de programas de incentivo podem proporcionar mais dignidade a essa categoria. Além disso, iniciativas como a formação de sindicatos e a conscientização sobre a importância da organização coletiva são essenciais para o fortalecimento desses trabalhadores enquanto classe.

Esta pesquisa, ao lançar o olhar sobre a realidade dos ambulantes informais de Maceió, contribui para o debate na sociologia do trabalho, introduzindo novos olhares sobre as relações laborais contemporâneas. O esforço metodológico empregado buscou articular teoria e prática, oferecendo uma análise que dialoga com as críticas marxistas ao capitalismo e suas formas de exploração.

Esperamos que este trabalho, ao trazer à tona as problemáticas e potencialidades do trabalho informal, inspire novas investigações e ações que promovam a segurança e a dignidade desses trabalhadores. Seja através de políticas públicas locais, estaduais ou federais, é imprescindível construir alternativas que mitiguem a precariedade estrutural que caracteriza essa atividade. Somente com a inclusão e o reconhecimento dos trabalhadores ambulantes como parte legítima da força de trabalho será possível avançar em direção a uma sociedade mais justa e equitativa. O trabalho não pode parar, mas precisa ser transformado.

5. REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. **O Que é a Mundialização do Capital**. Trabalho e Mundialização do capital - A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização. Editora Praxis, 1999.
- ALVES, Maria Aparecida. **Setor informal ou trabalho informal?** uma abordagem crítica sobre o conceito de informalidade. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2001.
- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs) **Pós Neoliberalismo – As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- ANTUNES, Ricardo. **As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas do estranhamento (Alienação)**. Caderno CRH, n. 37, Salvador, 2002.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2a Edição. São Paulo: Boitempo, 2009.
- CHESNAIS, François. (1996), **A mundialização do capital**. São Paulo, Xamã.
- COSTA, Dirno Vilanova da **Reflexões acerca da articulação entre o trabalho e a educação profissional e tecnológica no Brasil**. Revista Thema, Pelotas, v. 16, n. 2, p. 435–446, 2019. DOI: 10.15536/thema.V16.2019.435-446.1427. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1427>. Acesso em: 1 fev. 2024.
- DRUCK, Graça; FRANCO, Tânia. Terceirização: a chave da precarização do trabalho no Brasil, In: NAVARRO, Vera; PADILHA, Valquíria (orgs.). **Retratos do trabalho no Brasil**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

DRUCK, Maria da Graça. **Terceirização: (Des)Fordizando a Fábrica: um estudo do complexo petroquímico da Bahia.** São Paulo: Boitempo, 1999.

GRINT, Keith. Sociologia do trabalho O que é trabalho. In: GRINT, Keith. **Sociologia do trabalho.** Lisboa: Instituto Piaget. 1998.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** 13 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MARX, Karl. A ideologia alemã. Marx & Engels. In: **Textos sobre educação e ensino.** São Paulo: Moraes, 1976.

MARX, Karl. **O capital** V. I, tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. **O capital** V. I, tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985a. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).

MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985c. Livro 1, v. 1, t. 2 (Os economistas).

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl, **O Capital:** crítica da economia política. Livro primeiro: processo de trabalho e processo de produzir mais-valia. 7. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1982.

MÉSZÁROS, István. Desemprego e Precarização: Um grande desafio para a esquerda. In: ANTUNES, R (Org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2006.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política:** uma introdução crítica. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

NOGUEIRA, Mauro Oddo; DE CARVALHO, Sandro Sacchet (2021): **Trabalho precário e informalidade:** Desprecarizando suas relações conceituais e esquemas analíticos, Texto para Discussão, No. 2707, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, <https://doi.org/10.38116/td2707>

OFFE, Claus. “Trabalho: a categoria-chave da sociologia?”. **Rev. bras. Ci. Soc.** v.4 n.10 Rio de Janeiro jun. 1989.

TAVARES, Maria Augusta. **Os Fios invisíveis da produção capitalista:** informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.

TUMOLO, Paulo Sergio. O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?. **Educação & Sociedade**, 26(90), 239–265. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000100011>, 2004.

6. APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PESQUISA

ETAPA I (Pré-campo)

1. Revisão bibliográfica e definições das estratégias e técnicas de pesquisas;
2. Formulações das hipóteses e problematizações;
3. Formulação dos objetivos da pesquisa;
4. Autoconhecimento, observações e levantamentos prévios do campo;

ETAPA II (No campo)

1. Observação e imersão do campo de forma anônima;
2. Observações e análises;
3. Contato com os trabalhadores e entrevistas;
4. Coleta e organização dos dados;

ETAPA III (Pós campo)

1. Sistematização dos dados;
2. Análise dos dados e cruzamento com as hipóteses e teorias desenvolvidas;
3. Apresentação dos resultados.

APÊNDICE B – ESTRUTURA DE OBSERVAÇÃO DOS TRABALHADORES

Observação dos sujeitos

- Quem são esses trabalhadores?
- Quantos trabalhadores são em média?
- A que sexo esses trabalhadores pertencem?
- A que raça/etnia esses trabalhadores pertencem?
- Quais suas condições socioeconômicas?
- Como se comunicam entre si?
- O que expressam?

Observação do Espaço

- Onde esses trabalhadores se situam?
- Quais as características desses espaços?
- Existe alguma divisão nesses espaços?

Observação das relações socioespaciais

- O que ocorre nas relações sociais entre esses trabalhadores?
- Como as pessoas se relacionam?
- Quais características linguísticas e simbólicas eles utilizam?
- Como se realiza o processo da divulgação e comercialização?

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Perfil e identificação do trabalhador ambulante dos transportes coletivos

Nome:

Identidade de gênero:

Idade:

Estado civil:

Cor/etnia

Nível de escolaridade:

Cidade de origem?

Atual cidade e bairro?

Características Socioeconômica e Familiar

Residência própria, alugada ou outros?

Possui filhos?

Quantas pessoas moram com você?

Qual a renda familiar?

Seu trabalho como ambulante é sua principal forma de renda ou é uma renda complementar?

Na sua família há mais alguém que trabalhe como ambulante?

Na sua família, alguém recebe algum tipo de benefício ou é membro de programas sociais?

Trajatórias de trabalho dos trabalhadores ambulantes dos transportes coletivos

Com quantos anos começou a trabalhar?

Quais trabalhos remunerados já teve?

Quantas pessoas trabalham na sua casa?

Já trabalhou como CLT antes?

Qual seu último trabalho antes de ser ambulante?

Por que deixou seu trabalho anterior?

Seu trabalho mudou depois da pandemia?

Características das atividades como trabalhador ambulante dos transportes coletivos

Quando começou a trabalhar como ambulante?

O que o levou a trabalhar nos ônibus?

Como é a relação com o motorista/cobrador?

Como é a sua rotina?

Trabalha todos os dias?

Qual o trajeto diário?

Quantas horas de trabalho por dia?

Qual o horário de início e o horário de fim do expediente?

Dá preferência a algum itinerário?

O que você vende?

Compra diariamente ou semanalmente?

Quanto tira por dia e quanto tira por semana?

É suficiente para sobreviver?

Quem fornece ou como você adquire as mercadorias?

Qual o perfil dos compradores?

Pontos positivos do trabalho ambulante nos ônibus?

Pontos negativos do trabalho ambulante nos ônibus?

Espaço de comercialização, colaboração e organização dos trabalhadores ambulantes dos transportes coletivos

Vocês se ajudam no dia-a-dia?

Como você escolhe as mercadorias?

Há colaboração e solidariedade entre os trabalhadores ambulantes dos transportes coletivos?

Vocês se organizam como grupo específico?

Faz parte de algum sindicato?

Se sim, você frequenta as reuniões e acredita na atuação desse sindicato?

O que você acha que pode melhorar o seu trabalho?

Como o governo federal, estadual ou municipal pode te ajudar?

Tendo oportunidade, você voltaria ao mercado de trabalho formal?